

# Blumenau em Cadernos

---

TOMO XXXVII

Julho de 1996

Nº. 7

---

## MEMÓRIAS HISTÓRICAS DO MÊS



Sede da **Sociedade Dramático Musical Carlos Gomes**, inaugurada a 1º. de julho de 1939, localizada na Rua 15 de Novembro. Um concerto, seguido de memorável baile de gala, marcou a solenidade.

---

IMPRESSO

## **A QUEM DEVEMOS A REGULARIDADE DESTAS EDIÇÕES**

A FUNDÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU, EDITORA DESTA REVISTA, TORNA PÚBLICO O AGRADECIMENTO AOS AQUI RELACIONADOS PELA CONTRIBUIÇÃO FINANCEIRA QUE GARANTIRÃO AS EDIÇÕES MENSAS DURANTE O CORRENTE ANO :

- AIGA BARRETO M. HERING
- ALFREDO LUIZ BAUMGARTEN
- ALTAMIRO JAIME BUERGER
- ANTÔNIO ROBERTO NASCIMENTO
- ARIANO BUERGER E FAMÍLIA
- ARMANDO LUIZ MEDEIROS
- ARTHUR FOUQUET
- AUTO MECÂNICA ALFREDO BREITKOPF S/A.
- BENJAMIN MARGARIDA E FAMÍLIA
- BUSCHLE & LEPPER S/A
- CASA FLAMINGO LTDA.
- CLICHERIA BLUMENAU LTDA.
- COMPANHIA COMERCIAL SCHRADER
- COOPERATIVA DE CONSUMO DOS EMPREGADOS DO GRUPO HERING — COOPERHERING
- CREMER S/A. PRODUTOS TÊXTEIS E CIRÚRGICOS
- CURT FIEDLER
- D. G. S. — FACTURING FOMENTO COMERCIAL LTDA.
- DISTRIBUIDORA CATARINENSE DE TECIDOS S/A.
- GENÉSIO DESCHAMPS
- GRÁFICA 43 S/A IND. E COM.
- ENGEPROM ENGENHARIA, PROJETOS E MONTAGENS LTDA.
- HERING TÊXTIL
- HERWIG SHIMIZU ARQUITETOS ASSOCIADOS
- HOH, — MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS INDUSTRIAIS S/A.
- JOALHERIA E ÓTICA SCHWABE LTDA.
- LINDNER ARQUITETURA E GERENCIAMENTO S/C LTDA.
- MADEIREIRA ODEBRECHT LTDA.
- M. J. T. REPRESENTAÇÕES E SERVIÇOS LTDA.
- NELSON VIEIRA PAMPLONA
- NIELS DEEKE
- PADRE ANTÔNIO FRANCISCO BOHN
- PAUL FRITZ KUEHNRIK (in memória)
- PICKLER CONSTRUÇÕES LTDA.
- POSTO HASS LTDA.
- RESTAURANTE A NAPOLITANA — RODÍZIO DE MASSAS
- SCHRADER S/A. COMÉRCIO E REPRESENTAÇÕES
- SILVIO PAULO ARALDI, ADVOGADO E FAMÍLIA
- TEKA — TECELAGEM KUEHNRIK S/A.
- TRANSFORMADORES MEGA LTDA.
- UNIMED — BLUMENAU
- VICTORIA E WILLY SIEVERT
- WALTER SCHMIDT COM. E IND. ELETROMECAÂNICA LTDA.



# BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XXXVII

Julho de 1996

Nº. 7

## SUMARIO

Página

Verbetes para dicionário de história (8) - Theobaldo Costa Jamundá .....	194
Memórias de uma imigrante - Maria Schürmann Huber .....	196
Nicolau Deschamps nascido francês - Frei Elzeário Deschamps Schmitt, OFM	200
Autores Catarinenses - Enéas Athanázio .....	202
Reminiscências de Ascurra - Atilio Zonta .....	204
Registros de Tombo de Brusque (VI) - Pe. Antônio Francisco Bohm .....	206
Aconteceu... há 50 anos passados - José Gonçalves .....	208
Um Luso-Brasileiro em Blumenau - Ruy Moreira da Costa .....	210
Reminiscências da 15 - Werner Henrique Tönjes .....	214
Cartas .....	216
Jornais do meu tempo (1) - Gervásio Tessaleno Luz .....	217
Museu móvel da história de vida de Madre Paulina - José Gonçalves .....	218
Os aposentados do "Viva-a-Vida" se reúnem em mais um almoço .....	219
Aconteceu... Junho de 1996 .....	220
Genealogia das famílias Gehrent - Schmidt e Silva - Gorges .....	222

## BLUMENAU EM CADERNOS

Fundado por José Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina

Propriedade da FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU

Editor responsável: José Gonçalves — Reg nº. 19

Assinatura por Tomo (12 nºs.) R\$ 20,00

Número avulso R\$ 5,00

Assinatura para o exterior (porte via aérea) R\$ 40,00

Rua 15 de Novembro, 161 — Caixa Postal 425 — Fone 326-6787

89010-001 — BLUMENAU — SANTA CATARINA — BRASIL

# VERBETES PARA DICIONÁRIO DE HISTÓRIA (8)

THEOBALDO COSTA JAMUNDA

## 1. NEGOCIANTE QUE VIU LONGE

Está entre os negociantes que souberam ultrapassar o fim daquela dominância encerrada com o arranco econômico provocado pela 2ª. Guerra Mundial (1939-1945). — Chamou-se Jorge Hardt e era pertencente a árvore genealógica de laticinistas. Os Hardt conhecidos blumenauenses do lugar Ribeirão Branco, ali nas vizinhanças de "Salto Weissbach" e "Passo Manso". O avô de Jorge mandou o filho Frederico aprender com o tio lá na Alemanha, a fabricação de manteiga e queijo. Que para a ambição teve razão de sobra concluiu-se pelo resultado positivo, sabendo que Frederico aprendeu lá e ensinou em Minas Gerais e aqui também. E assim o nome: **Frederico Hardt está ligado a agroindústria de transformação de leite.** O detalhe aparece por que a agroindústria mencionada estava ligado estruturalmente, à produção leiteira da propriedade rural familiar.

Frederico encaminhando os filhos, designou Jorge para o setor comercial e João para o de fabricação. Gerenciando Jorge percebeu que a pequena agroindústria de laticínios estava ultrapassada. Os novos tempos provocavam o êxodo rural; o pequeno fornecedor de leite já não contava com sucessores.

Pelo senso e pelo tino Jorge Hardt, valeu-se de competência gerencial nata e conduziu a firma "Frederico Hardt S.A. Indústria e Comércio" para o ajustamento às mudanças causadas na paisagem humana de todo o Vale do Itajaí pelo trânsito do eixo rodoviário: São Paulo — Rio Grande do Sul, **uma das tantas conseqüências da Guerra: o acanhamento bucólico foi violentado e os**

**insatisfeitos no cabo da enxada trocaram de atividades. A indústria têxtil cresceu e muito agricultor foi ser operário.**

O negociante que não aceitou a mudança fechou as portas. Os fortes e hábeis no ramo ficaram. Jorge Hardt esteve entre eles e alianhou a firma HARDT/Indaial, SC, com as poucas que reestruturadas mesmo que conservadores do zelo pelas raízes mantiveram-se na praça.

Jorge Hardt viu longe e percorreu caminho certo. Viveu até estes primeiros dias de julho/96. E ficou na história dos comerciantes cadastrados no livro dos consequentes e exemplares.

## 2. QUEM EXPLOROU O RIO DO TESTO

**"Domingo, dia 11 de janeiro de tardinha, parti, de cavalo, da Colônia Dª. Francisca, em direção a São Francisco, donde continuei a viagem num pequeno navio costeiro, e assim alcancei, na quarta-feira, dia 14 de janeiro, a barra do rio Itajaí, daí prossegui no dia seguinte, numa canoa, rio acima, chegando na quinta-feira, dia 15 de janeiro, de tardinha, à Colônia Blumenau."**

Este período abre o agrimensor August Wunderwaldt (1814-1868) o seu relatório das explorações nos vales dos rios: (1) Testo; (2) Benedito; (3) Cedros. — Destas explorações o maior interessado foi o Dr. Blumenau. E sem dúvida o referido agrimensor também, visto ser ele muito envolvido com o crescimento da sua Colônia Dª. Francisca.

Tenho pressa em dizer que tive acesso a uma cópia deste relatório pela gentileza e aguda sensibilidade da arquivista Christiana Deeke Barreto.



Incumbir ao agrimensor Wunderwaldt riscar roteiro para estrada rodoviária entre as colônias: uma com 13 anos de existência e a outra com 12, é outra prova, que foi preocupação do Dr. Blumenau eliminar o isolamento espacial. E via ele ambiciosamente, o acesso ao porto de São Francisco com o lucro do relacionamento com a sua experimental população litorânea.

A presença de Wunderwaldt é ali em 1863 e o Dr. Blumenau gerenciava a Colônia Imperial com a confiança de D. Pedro II. Entendendo a significância da exploração do rio do Testo para as finalidades do interesse de Dr. Blumenau recolhe-se à sua memória louvor ainda não suficientemente, dimensionado, isto por que foi pelas dominâncias do rio do Testo por muitos anos que passaram e que passamos indo ou vindo de Florianópolis para São Francisco do Sul ou para Curitiba, PR. Os roteiros asfaltados são tão recentes como o asfalto nas estradas catarinenses, aqui da faixa litorânea.

### 3. "POMMEROD", "POMMERODA"

Quem chamou: "Pommerod", foi o geógrafo José Vieira da Rosa (1869-1957); quem chamou: "Pommeroda", foi o agrimensor José Deeke (1875-1931); quem foi preservador do topônimo "Pomerode" substituindo o topônimo: "Rio do Testo", assim desde a elevação de distrito de Blumenau em 26.01.1934, foi o artista plástico Erwin Theichmann.

Admite-se que o afluente do rio do Testo denominado ribeirão Pomerode, informa que por suas margens e áreas foram locados pomeranos. Como também no vale do Rio dos Cedros e antes dos trentinos ou tirolezes naquela linha de colonização chamada: Pomeranos. E tudo quando ainda nem a palavra timbó, era o topônimo da sede municipal. Como se diz generalizando: a família italiana não chegara para a sua "PO-

MESTROZ". O que abre curiosidade sobre a presença pomerânica na crônica de Blumenau da época são os topônimos: (1) "Caminhos dos pomeranos" (2) "Fundos pomeranos"; (3) "Pomeranos baixo"; (4) "Pomeranos central". — Entretanto a dominância em Rio dos Cedros (município de,) é dos chegados em 1875 e para frente com ponta de partida lá pelas paragens dos Alpes montanhosos no norte italiano e que conheceram na meninice o rio Adige. **Para muita gente eles pela geografia donde vieram eram austríacos. Cem anos depois sentiam-se realizados nos herdeiros como: "italianos do rio dos Cedros".** E tudo por que transparecem no entendimento que comunicam na latinidade. — Seja: (1) Nas maneiras; (2) Na família com ela e em casa; (3) Na culinária; (4) Na catolicidade; (5) No folclore; (6) Nas festividades com as marcas da preservação da memória; (7) Nos gestos e na fala, uns inconfundíveis.

**Homenageá-los vendo-os com raízes lá no "Pomeranos Santo Antonio de 1875", se sente também a provocação do desejo de saber sobre os POMERANOS que para ali chegaram antes deles como sendo alemães.** — Que numa avaliação sensurativa, são uns esquecidos e insultados por menosprezo.

E neste raciocínio produto de suposição, consideramos no volume de observações colhida na vivência direta de aproximados vinte anos residente e domiciliado no médio vale do Itajaí, que o Pomerano, visto sem lhe saber as raízes européias, entrou no caldeirão misturador das etnias reunidas no processo do abramileiramento sendo alemão. E, exatamente, pelos descendentes de alemães doutras procedências germânicas, foi estigmatizado: informavam ser (1) Bisonho por natureza; (2) Incapaz de assimilar boas maneiras; (3) Igual a u'a maçã fechada em si mesmo.

A nossa convivência com algumas famílias contradisse a informação negativa. Apenas notamos serem de perso-



nalidade forte: produto de formação rural trabalhosa. E algo assim como em luta permanente com discriminação difícil de definir e localizar. Também pessoa confiável que sendo professora de escola rural morou com família pomerana, não achou dificuldade na convivência; embora descendente de prussianos, só não penetrou no dialeto que usavam na intimidade. Elas, aquelas famílias pomeranas, eram assemelhadas a quaisquer outras, que gastassem de sol a sol a vida inteira, no cabo da enxada.

#### BIBLIOGRAFIA DE APOIO :

- AUGUST WUNDERWALDT, Relatório sobre viagem de exploração. Blumenau, SC, 1863.  
JOSÉ DEEKE, Mapa de 1924, superintendência Curt Hering.  
JOSÉ VIEIRA DA ROSA, Corografia do Estado de Santa Catarina. Fpolis, SC, 1905.  
T. C. JAMUNDA, Município de Timbó — Notas de observador sem pressa. In "A Comarca", maio a setembro de 1949, Indaial, SC.  
VICTOR VICENZI, História e imigração italiana de Rio dos Cedros, 1985.  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS, Editora Universitária, Pelotas, RS, 1995.

E por estas comentações aparece a necessidade de se saber sobre o POMERANO. E saber através pesquisa assemelhada a que a Universidade Federal de Pelotas (Rio Grande do Sul) publicou sob o título: "OS POMERANOS". (Noves fora a nossa pretensão de omitir para demeritar, pensamos que a pesquisa é pioneira com responsabilidade científica e com a especialidade de oferecer informação sobre a criatura pomerana imigrada no Brasil com a marca do Rio Grande do Sul).

## Memórias de uma imigrante

Maria Schürmann Huber  
Trad. de Valburga Huber

(2)

Ao lembrar-me que minha mãe chorou quando foi vendido nosso piano, na Alemanha, antes da nossa partida, lembrei-me também de um antigo provérbio alemão que diz: "Detenha-te onde há belos cantos pois os maus não os têm."

Meu pai construiu um pequeno campo esportivo em nossas primeiras terras no Brasil e aos domingos ali se reunia a juventude do lugar para diversas brincadeiras e jogos. Meu irmão mais velho — Wilhelm Schürmann — era um bom jogador de futebol e já o era, aliás, na Alemanha. Aqui no Brasil andava 7 horas — de Serrinha — Mosquito Grande até Rio do Sul — para jogar seu esporte, favorito: futebol. Através dos contatos feitos através dele ele também conseguiu um bom trabalho. Em Rio do Sul havia o Clube Concór-

dia — mais tarde Juventos Esporte Clube onde ele jogou alguns anos. Ele também contava que nestes seus contatos, ele conheceu um negro, natural de Brusque, que para o seu espanto só falava o dialeto da região de Baden, o "Badenserplatt."

Na colônia, eu tomava parte em todos os trabalhos: serrar lenha, roçar mato, derrubar árvores, plantar e mais tarde eu ajudava na serraria da família e o trabalho me entusiasmava. Também tive experiências interessantes na lida com o gado como, por ex. ter sido jogada três vezes para o alto pelos chifres de um boi ou vaca braba, mas geralmente tudo acabava bem, pois eu não tinha medo dos animais, o que já não posso afirmar agora, algumas décadas mais tarde. Pois é: a juventude não conhece medos e receios e não vê os



perigos, daí poder se aprender tudo quando se é jovem, desde andar de bicicleta, nadar, o que não foram meus fortes, pois não aprendi nenhum deles bem. Depois que passei a residir perto da praia, na bela Rio de Janeiro, devo confessar que a natação me fez falta. A expressão brasileira: "O mundo dá voltas" se justifica plenamente, pois da nossa pequena cidade, Rio do Sul, Santa Catarina onde passei a maior parte da minha vida, acabei residindo na grande Rio de Janeiro (1976).

Mais uma recordação me ocorre: na Alemanha dominávamos "colônia" uma vila de operários (na nossa região de mineiros) e no Brasil a palavra tinha sentido completamente diferente pois significava exatamente o contrário: um pedaço de terra para plantio, mas também toda uma "tifa" (região distante). Meu pai, ao imigrarmos para cá, pagou a passagem de navio para toda uma família conhecida, (Família Weiers) que já estivera aqui antes. Eles pretendiam pagar esta dívida mais tarde, mas como não tiveram a sorte que esperavam, diziam que estariam quites com meu pai se esse lhes pagasse a viagem de volta para a Alemanha! Como outros, eles não tinham meios financeiros e o início de vida na floresta virgem não foi nada fácil e a muitos sobreveio a saudade. No caso deles, só anos mais tarde conseguiram melhorar suas condições de vida. Meu pai, recebia uma pensão de professor aposentado e isso nos ajudou bastante no começo (pois depois da guerra ela foi cortada). Quanto aquela família conhecida, meu pai lhes disse certa vez na Alemanha que como já tinham estado uma vez no Brasil quando chegassem aqui de novo, iam desejar voltar de novo para a Alemanha. Mas eles afirmaram que não, que isso jamais aconteceria. Mas alguns anos mais tarde deixaram se contagiar por propagandistas de Hitler e regressaram para a Alemanha. Eles perderam três filhos na guerra e acabaram voltando para cá, pois

também tinham filhos nascidos aqui. É verdade que o Brasil é um país de muitas possibilidades, há espaço para muita gente e ninguém na nossa família se arrependeu de ter vindo para cá. Nos 54 anos que agora vivo aqui, (isso em 1978) tenho visto grande progresso do país, no que se refere a construção de estradas por exemplo pois todo o país está ligado por estradas asfaltadas, sem falar nas conexões por avião. Quando chegamos, em 1924, apenas estradinhas de lama nos conduziam de um lugar a outro em carroças puxadas por cavalos. Lembro-me bem que andávamos de 7 a 10 horas a pé porque as estradas ficavam intransitáveis quando chovia muito. Meu pai foi apelidado de "devorador de quilômetros" (ou papa-léguas) pois ele andava num mesmo dia 66 km, ao ir e voltar à cidade mais próxima! Quando vejo que hoje em dia as pessoas não aguentam caminhar mais que meia hora vejo que pertencço realmente a velha guarda, pois gosto de andar horas a fio. Na minha juventude, quando queríamos ir a um culto, tínhamos que caminhar 20 km ou mais. Mais tarde meu pai comprou uma carroça e as coisas melhoraram. O clima era muito agradável na nossa região que ficava situada numa serra (daí o nome "Serrinha") e geralmente era muito fresco, principalmente à noite. Meus sobrinhos ainda moram na "colônia" que meu pai comprou quando viemos da Alemanha, só que agora já não há mata virgem e sim, muitas plantações. É uma região bonita, de onde se avista todas as redondezas. Em novembro de 78 — no Dia das Almas visitei a região e também o cemitério onde repousa meu irmão Theodor e revivi essa beleza das paisagens.

Meus primeiros conhecimentos de português eu adquiri ainda na Alemanha, pois meu pai nos dava aulas com os livros Langen-scheid e para fazer exercícios usávamos cédulas de dinheiro sem valor, brancas de um lado, pois não chegaram a ser impressas dos dois



lados, tamanha a inflação da Alemanha da época. Meu pai trazia-as para casa, pois trabalhou num banco um curto espaço de tempo antes da emigração. Eram tempos sombrios pois em nossa região muitas minas foram fechadas, proprietários rurais vendiam suas propriedades e em pouco tempo estavam de mãos vazias, quase mendigando, pois o dinheiro perdia o valor de forma rapidíssima. Muitas pessoas foram trabalhar como guardas noturnos ou algo similar e muitas (sobretudo idosos) enlouqueceram, pois já não conseguiam calcular os milhões e bilhões. Da noite para o dia, um milhão valia novamente só um marco! Meu pai recebia seu salário a cada trimestre, neste tempo de colossal inflação e daí fazia-se uma compra grande, para não se perder demais dinheiro.

Logo depois da 1ª. Guerra Mundial, só se podia comprar com cartões de alimentação e só uma vez por semana havia carne (congelada, procedente da Argentina) e só se podia comprar 1½ libra ou seja ¾ kg. Havia, no entanto, leite e legumes em abundância e nós tínhamos uma horta e plantávamos legumes. Havia também alguns pés de amora de duas ou três espécies (Himbeeren, Stachel Beeren M. Johannis Beeren) que eram muito saborosas. No fundo do quintal tinha também um pé de ameixas, que ficava carregadinho de frutos. Na frente da casa havia um jardim com um grande canteiro, de cravos brancos.

A cada inverno todos tinham que armazenar batatas no porão, para o inverno, mas houve um ano em que meu pai não encontrou mais batatas e então ele comprou grande provisão de maçãs, de modo que durante o ano se comeu mais maçãs que batatas, maçãs de várias espécies! Certa vez houve também oferta de feijão preto, mas ninguém o conhecia, acho até que vinha do Brasil. Nós só conhecíamos o arroz, em comidas doces e no Brasil é um dos pratos

básicos, fácil de comprar. No inverno, havia uma couve verde no quintal, que resistia ao frio das geadas, o único aliás, e só tinha sabor depois que chegava o frio. Comia-se muito chucrute no inverno, que cada família fazia em casa, pois basta cortar o repolho fininho, socá-lo com sal, colocar um peso em cima e deixá-lo curtir. É uma comida saudável e atualmente encontrável também em lata em cidades grandes como o Rio.

Quando adolescente, já aqui no Brasil, também aprendi português com o padre que celebrava o culto, primeiro em alemão depois em português (os sermões). Durante certo tempo tivemos também um professor em casa (o Sr. Stratmann), mas como só tínhamos vizinhos alemães, falar em português era difícil. Assim, apesar dos mais de 50 anos no país, ainda falo com sotaque alemão, e isso não se muda mais, penso eu. Aqui as pessoas estão acostumadas a entender as pessoas pois vivemos num país de imigrantes, com gente das mais diversas partes do mundo, o que torna o Brasil tão interessante. Até agora conheci cinco capitais brasileiras: Florianópolis; Curitiba; Porto Alegre; Rio de Janeiro e Salvador e gostaria muito de conhecer ainda o norte e nordeste do Brasil e também Brasília, a nova capital do país.

Sempre me ocorrem mais fatos dos nossos primeiros anos no Brasil, lá em Santa Catarina. Havia uma "tifa" (região distante) com uma colônia de alemães que era propriedade de um único senhor (Francisco Reuter). Ficava perto de Mosquito Grande e ele construiu a estrada para lá e conseguiu assim do governo as terras que ladeavam esta estrada. Nós moramos por algum tempo ali num galpão de imigrantes, mas meu pai comprara terras que já tinham uma casinha, semi-pronta. Ele comprou tábuas numa serraria, distante cerca de 2 horas e terminou a casa. Na cozinha não tinha assoalho e o fogão foi construído



sobre estacas de madeira com tijolos feitos por nós mesmos, mas sem terem sido secados em forno, foram usados crus. Antes havia já um fogão construído no chão, de puro barro mas que assava bem. Nos dois primeiros anos, nós semeamos centeio numa roça recém-queimada, que deu bem, mas só por dois anos, depois nada mais se colheu. Quando emprestavamos pão dos vizinhos (o que acontecia muitas vezes pois só se podia comprar algo a 2 horas de distância), não queriam que devolvessemos pão escuro, pois não conheciam pão de centeio. Nós, por outro lado, achávamos o pão de milho (de fubá) amargo e nosso pai pedia-nos sempre para torrar bem as fatias desse pão antes de comê-lo. Meu irmão mais velho Willy, não conseguia comer aipim no começo, por achá-lo também amargo e eu tinha que achar algumas batatas doces para ele. Logo no início compramos uma vaca, que não era mansa e assim, um vizinho recém-chegado, que morava em terras frente as nossas, teve que acostumar a ordenha, pois ele fora agricultor na Alemanha e sabia isto tudo muito bem. Como não tínhamos ainda pasto para vacas, tínhamos que cuidar do animal a beira das estradas e amarrá-la na estrebaria à noite. Chamava-se "Männne" a nossa primeira vaca e acabou morrendo de uma doença desconhecida e dela fizemos sabão, que era bem melhor do que aquele que obtínhamos na Alemanha durante a guerra. Quando se carneava um porco em nossa casa, era uma verdadeira festa, pois se fazia linguiça bem como morcilhas brancas e escuras saborosas. Fazíamos igualmente toucinho defumado e do caldo da linguiça se fazia um pão especial, o "Panás". Quando ainda não tínhamos vaca, minha irmã e eu tínhamos que buscar leite num vizinho que morava lá em baixo no vale, a 3 km de distância e bom trecho era pela floresta virgem e quando era noite ouvia-se o canto assustador das corujas. O lugar da nossa casa ficava no alto,

era lindo e lá ainda moram os filhos do meu irmão Theodor, herdeiro daquelas terras. Antigamente uma estrada com muitas curvas nos levava até a Serrinha e algumas curvas ficavam a beira de ribanceiras perigosas. Uma vez, não conseguimos virar numa dessas curvas em forma de joelho e tivemos que levantar as rodas traseiras da carroça e na operação caiu a cunha do freio sem que o notássemos. A carroça saiu em disparada, os cavalos não conseguiram pará-la. Por sorte numa curva onde a ribanceira não era tão profunda a carroça virou de lado. Eu estava sentada virada para trás e meu pai levou um grande susto e correu atrás da carroça quando esta disparou, mas por sorte, nenhuma fatalidade aconteceu, só uma roda partiu. Agora, depois de muitos anos a estrada foi desviada dali, ficou quase sem curvas e os carros e ônibus podem trafegar sem problemas. O clima da região continua conhecido por ser fresco e sempre se precisar de um bom cobertor a noite.

Na colônia também uma moça fazia todo tipo de trabalho, mesmo os pesados que deveriam ser só dos homens — como rachar lenha — pois meu pai, como professor, nunca tinha feito este tipo de trabalho e meus irmãos gostavam de escapar do mesmo. Mas sou da filosofia de que tudo que se aprende não é um fardo e pior é realizar algo de que não se tem idéia. Meu pai temia que desgostássemos do trabalho pesado, mas quando voltei do Colégio da Divina Providência de Blumenau, (onde fiquei interna um ano para aprender a cozinhar e costurar), eu construí sozinha um galinheiro e daí meu pai viu que eu nada desaprendera das lidas da roça. Foi pena, porém, que eu não fui mais a escola aqui no Brasil. Quando nos mudamos de Serrinha para Rio do Sul eu já ultrapassara a idade escolar e assim só aprendi português no Colégio em Blumenau, mas nunca aprendi a escrever bem a língua portuguesa, sou praticamente autodidata.



Nos primeiros tempos, os vizinhos eram todos alemães e apenas uma família polonesa. Um filho desta, vinha sempre nos visitar, até que meu pai percebeu que ele queria me namorar! Eu só tinha tamanho de adulta, pois nos meus tenros 12 anos tinha a inocência de uma criança de 6! Assim, eu tinha que me esconder sempre que ele por lá aparecia e disso resultou que fiquei extremamente tímida. Exatamente 10 anos depois vim a me casar com Karl Huber, um alemão que residia há um ano no Brasil. Nós moramos 10 anos na colônia da Serrinha, daí meu pai arrendou as terras e mudamo-nos para Rio do Sul, onde meus dois irmãos menores, Josef e Afonsa, iam à escola e meus irmãos mais velhos também aprendiam um ofício. Aos 18 anos, fui para o Colégio já mencionado, onde fiquei um ano. Foi uma época linda, tornei-me criança de novo, pois por não ter ido mais a escola aqui no Brasil, tinha poucos amigos para brincar.

Quanto a minha cidade natal na Alemanha, Schermbeck (cidade natal de minha mãe), é agora uma cidade-estação de tratamento (Luftkurort). Mas todo o tráfego pesado que vai para a Holanda, passa pela velha estrada que cru-

za a cidadezinha. O barulho, eu e minha filha Tereza sentimos vivamente quando lá estivemos em 1976, eu depois de 50 anos! Dormimos no mesmo quarto em que dormi quando criança. A Holanda fica apenas a meia hora de distância pois, afinal a Alemanha é apenas um pouco maior que Santa Catarina! A rede de novas estradas na Alemanha de hoje, possibilita viagens rápidas pelo país e pelos países vizinhos. É impressionante como cada metro de terra é construído ou plantado não há terrenos vazios, é uma alegria aos olhos ver tudo assim em ordem. Vim ao Brasil com 12 anos, pouco conhecia da Alemanha, mas nesta viagem pude ver um pouco mais da minha pátria. Antigamente, era preciso quase um mês para ir de Hamburgo ao porto de S. Francisco — S. Cat., de navio. Partimos da Alemanha em dez. 1923, com neve e gelo e quando aportamos em Santos e eu vi todo aquele verde exuberante eu me perguntava se aquilo não era um sonho! Mas não, era verdade, pois aqui o verde é eterno. E no Rio, posso agora usufruir o verde do mar, já por si um espetáculo com seu jogo de ondas grandiosas e pequeninas, no eterno jogo de aproximar-se e afastar-se da terra.

---

## Nicolau Deschamps nascido francês

Frei Elzeário Deschamps Schmitt, OFM.

O colecionador atento da revista «Blumenau em Cadernos» deve estar lembrado do meu trabalho intitulado «Armadilha Histórica em Gaspar», que a revista publicou há 7 anos passados (julho de 1989, tomo XXX, páginas 196-207).

Já na primeira página daquele estudo, ainda na falta de documentação melhor e mais ampla, o imigrante e patriarca Nicolau Des-

champs, co-fundador da Colônia São Pedro de Alcântara, depois morador em Gaspar (Belchior), era considerado supostamente nascido na Alemanha. Minha suposição vinha embasada em dois elementos: no I Livro de Óbitos da paróquia católica de Gaspar ele é apresentado como «natural da Alemanha» ( ), e para a fundação de São Pedro de Alcântara o I Império só



recrutou colonos de nacionalidade alemã, saídos de uma bem determinada região da Alemanha. (O 1º recenseamento realizado na colônia em apreço, um ano e meio depois da fundação, registra apenas estas exceções: 3 holandeses, 1 suíço e 1 francesa).

A definitiva luz sobre a nacionalidade de berço desse ilustre ancestral duma numerosa família catarinense lançaram as pesquisas que o advogado Dr. Genésio Deschamps e seus colaboradores fizeram na França. (Veja-se «Blumenau em Cadernos», tomo XXXVI, jan. 95, pág. 26 ss.)

**Resumindo.** A região que geográfica e historicamente se conhece como a Alsácia-Lorena foi, em parte ou no seu todo, zona de litígio entre a França e a Alemanha, praticamente desde o século 9º. Esta secular guerra de fronteiras só teve fim com o término da Segunda Guerra mundial, em 1945, quando passou a integrar solo francês, ao menos por ora. A etnia germânica, assim como a língua alemã, sempre tiveram ali uma expressão muito forte, mesmo entre famílias de patronímico francês. O que agora provado ficou, com documentos franceses extraídos de cartórios na região de Metz, capital do atual Departamento de Moselle (Mosela), é que à época em que nosso Nicolau Deschamps nasceu (no lugarejo de Bliesguersviller — o mais recente mapa francês da Alsácia-Lorena, detalhadíssimo, tem a grafia Blies-Guersviller, um pouco ao

norte da cidade de Sarreguemines, todo o território pertencia à França. Se, no entanto, o citado Livro de Óbitos apresenta Nicolau Deschamps como «natural da Alemanha», acertou sua nacionalidade adquirida, o que os alemães chamam «Staatsangehörigkeit». Emigrado para o lado alemão da fronteira, Deschamps, a fim de poder vir para o Brasil com aquele primeiro grupo de famílias destinadas a Santa Catarina, precisava possuir o passa-porte alemão. Não sabemos ainda se ele se tornara «alemão» já antes de pensar em emigração. Pois ignoramos até, ao menos por enquanto, quando emigrou para a Alemanha com a família. Só temos cópia da ata de casamento: casara com Catarina Eich em Bliesguersviller, no dia 22 de fevereiro de 1816. Três filhos deste matrimônio nasceram na Europa. Se todos ou se algum deles nasceu na França ou na Alemanha, não sabemos. O primeiro censo da população feito em São Pedro de Alcântara (setembro de 1830) assinala para Nicolau filho 12 anos; para Joana, 9, e para Pedro, 8 anos. No Brasil nasceram-lhe outros.

Esta nota, ousou repetir, só deseja desmentir a incerteza que havia no começo do meu artigo citado na abertura. Nicolau Deschamps, o imigrante, é nascido francês. Mas emigrou para a Alemanha onde adquiriu a nacionalidade alemã antes de vir para o Brasil.

---

**Nota.** Blies-Guersviller, Bliesguersviller: é afrancesamento do alemão Bliesguersweiler. "Blies" é o rio que banha a região, e vem anteposto ao nome de vários outros lugares da mesma geografia limitrofe. "Weiler" é lugarejo, casario.

Gaspar, julho - 1996

## CAUSOS SERRANOS

Ando sempre atento, na esperança de que surja algum valor novo para reforçar nossa combatida linha regionalista dos Campos Gerais, iniciada pelo brilhante Tito Carvalho. Comparado com o que se produziu nos Estados vizinhos, do norte e do sul, nosso regionalismo campeiro é o que tem menor número de obras expoentes, mesmo assim surgidos com grandes hiatos. E, como de alguns anos para cá não aparece ninguém, é com certa ansiedade que me ponho a ler tudo que possa representar, pelo menos, uma promessa no gênero.

Foi o que aconteceu com o livro «Raízes Serranas», de Lauro Cesar Córdova, publicado pela Paralelo 27 (Florianópolis-1995). Não tardei, porém, a me decepcionar. Na verdade, o autor não se define, não diz se opta pelo regionalismo ou pela contística convencional, pelo campo ou pela cidade. Embora seus causos sejam localizados em Lages e procurem aproveitar as histórias em que é tão fértil a região, o ambiente, a paisagem e, acima de tudo, a linguagem local pouco aparecem. Não consegue o leitor sentir aquele **clima** lageano tão típico e marcado por um povo de características tão vincadas. O mesmo se pode dizer da paisagem, tão exuberante, que só se mostra no livro através de vagas referências a acidentes geográficos e aspectos esporádicos, quando a presença do campo circundante é impositiva na realidade lageana. Quanto à linguagem, tão criativa, rica e expressiva, só não está excluída de todo em virtude de algumas expressões típicas e, mesmo assim, daquelas mais conhecidas. Boa parte dos causos se inclina ao ambiente burocrático, escolar e familiar, afastando-se dos que preencham a primeira parte (Causos Serranos), e que deveriam, a meu ver, dar a tônica dominante para que o livro pudesse ser saudado como a contribuição ao regionalismo que todos esperamos.

## PRAGA PESADA

Passando por uma pequena cidade de nosso interior, encontrei um amigo que não via há muitos anos. Almoçamos juntos e ele me informou das novidades, algumas nem tão novas, do lugar e da região. Quem partiu de mudança, quem chegou, os que casaram, enviuvaram, venceram e fracassaram — estes dolorosamente majoritários. Falou da falência de um conhecido «comerciante forte» e daí descambou a descrever a crise econômica reinante, com a agricultura em dificuldade, a indústria definhando e o comércio fechando as portas. A decadência, dizia ele, era geral e parecia irremediável, abatendo-se sobre as coisas e as pessoas. Chocado com o relato, eu lhe perguntei sobre as causas daquela triste situação: Ele me fitou muito sério e afirmou convicto:



— Há de ser praga !

Surpreso, julgando que fosse alguma brincadeira, indaguei :

— Praga ? Que praga, homem ?

Mais sério ainda, com voz firme e entonação que não admitia dúvida de sua sinceridade, explicou :

— Quando passou por aqui, no tempo do Contestado, o **monge** «São» João Maria foi muito mal tratado por algumas pessoas. Indignado, ele rogou uma praga, prometendo que isto viraria um purungal... É o que parece estar acontecendo agora — concluiu compungido.

Com a testa enrugada e os olhos brilhantes, ele observava, através das janelas, uns descampados próximos. Talvez temesse que neles começassem a crescer os pés de purungos.

## NO SOLAR DE APIPUCOS

Numa nova estada no Recife, visitamos o Solar de Santo Antônio de Apipucos, por coincidência no dia seguinte à sua reinauguração, depois de restaurado e reaberto ao público. Nele viveu durante longos anos e produziu sua obra o sociólogo e escritor Gilberto Freyre (1900-1987), o pensador que nos mostrou o Brasil, e que agora está sepultado num mausoléu construído num recanto do sítio, permanecendo assim no chão que tanto amou.

Recebidos com alegria por sua viúva, D. Madalena de Mello Freyre, e pelas simpáticas funcionárias, minha mulher e eu pudemos percorrer e examinar tudo, com a maior liberdade. Percorremos as amplas peças do casarão colonial, com seus móveis de estilo e paredes orladas de obras de arte e ladrilhos portugueses, as louças, objetos pessoais, condecorações, os arquivos e a vastíssima biblioteca, inclusive na parte que guarda as traduções das obras do autor de «Casa-grande & Senzala» nos mais diversos idiomas. Visitamos também o gabinete de trabalho onde ele se abstraía do mundo para escrever, sentado numa poltrona de couro preto e com a perna sobre um de seus braços, como é visto em foto muito divulgada na imprensa.

Percorremos em seguida o sítio em cujo centro está situado o Solar, coberto de árvores variadas, todas conhecidas e catalogadas pelo escritor. Recebidos pela viúva em sua residência, anexa ao Solar, pudemos ver parte das publicações da imprensa sobre o escritor e sua obra, no Brasil e no mundo, que ela organiza e arquiva com o maior cuidado. Merecemos até um refresco de pitanga crioula do sítio, preparada segundo fórmula exclusiva de Gilberto, e um exemplar autografado do livro «Ferro e Civilização no Brasil», o último escrito por ele e publicado em edição póstuma. Visitamos, por fim, a livraria que funciona na entrada, onde se podem adquirir livros, revistas, cartões, fotos e outros objetos alusivos a Gilberto Freyre e sua obra, inclusive o célebre conhaque por ele produzido e que foi decantado por personalidades mundiais.

No Solar de Apipucos, no bairro de Dois Irmãos, funciona hoje

a «Fundação Gilberto Freyre», detentora e guardiã do espólio do escritor, e que é presidida pela própria Madalena de Mello Freyre.

Sobre Apipucos escreveu Gilberto Freyre o mais poético de seus livros («Apipucos : que há num nome ?») e deixou, num cartão, estes versos :

«Tão de Apipucos,  
tão do Recife,  
tão de Pernambuco,  
tão do Brasil...»

---

## REMINISCÊNCIAS DE ASCURRA

---

ATÍLIO ZONTA

### Primeiro prefeito eleito de Ascurra

Assinalamos em páginas precedentes que o primeiro Prefeito eleito de Ascurra, Leandro Possamai, assumiu o exercício do cargo, perante autoridades e grande afluência de correligionários, no dia 27 de novembro de 1963. Divergências político-partidárias, porém, ocasionaram fatos lamentáveis à população do novo município. No dia 14 de junho de 1965, dezoito meses e pouco, após a sua posse, devido a desentendimentos com os componentes da Câmara de Vereadores, o titular foi impedido de continuar a governar o município. O vereador Antônio Dalfovo, Presidente do Legislativo, na qualidade de substituto legal, assumiu o cargo de Prefeito, o qual ficou vago com a decretação do impedimento do titular. Presentes à Sessão Extraordinária os vereadores : Ambrósio Poffo, Olívio Chiste, Pascoal Poffo, Silvestre Prada e Carlos Poffo e de muitos ascurrenses. O Vereador Antônio Dalfovo assumiu o comando do município na

mesma Sessão.

Leandro Possamai, não se fez presente e nem se fez representar por nenhum cidadão. O funcionário da Prefeitura, Alcides Macoppi, e Virgílio Beber, cunhado do prefeito deposto rebelaram-se com as determinações do novo Chefe do executivo, durante a referida Sessão. Antônio Dalfovo no exercício do cargo de Prefeito usou da palavra para lembrar os motivos que originaram os acontecimentos que ocorreram durante a gestão de Leandro Possamai e disse ele, que tudo fez para harmonizar os poderes constituídos de Ascurra mas, que tudo fora em vão, diante da má vontade demonstrada pelo então Chefe do Executivo. Em Ata lavrada nesta data consta, também, que Antônio Dalfovo e seus colegas do Poder Legislativo estavam tristes por terem sido obrigados a tomar tal medida extrema, qual seja, a cassação do mandato do primeiro prefeito.

Disse mais, que sempre lutou



e continua a lutar para o maior desenvolvimento do município e asseverou que Leandro Possamai pôde contar com o apoio do Legislativo sempre, mas, infelizmente, nunca soube corresponder. E finalizou, convidando todos os presentes, bem como, a todos os ascurrenses a trabalharem e a colaborar para a paz e o bem-estar da comuna. Leandro Possamai, por sua vez, afirma categoricamente que durante o período em que ficou à frente da administração do município fez aos componentes do legislativo municipal várias propostas conciliatórias, prometendo-lhes todo o apoio às justas reivindicações. Tudo, porém, fora em vão e rechaçadas, mantendo-se os vereadores irredutíveis.

Não obstante, os desentendimentos surgidos entre vereadores e prefeito, a população de Ascurra demonstrou sincera cordialidade, cercando as duas agremiações e os seus representantes no governo municipal, de todo o carinho. Apesar dessas divergências político-partidárias nos primeiros anos de administração no recém-criado município, os ascurrenses sempre conservaram um amor intenso entre si, cujos ancestrais haviam-lhes inoculado no coração, com a palavra e os exemplos. E graças aos princípios de ordem e de amor ao trabalho, características incontestáveis do desenvolvimento dessa comunidade, a passos mais céleres, Ascurra foi atingindo a sua auto-suficiência, quer no setor agrícola, quer no comercial e mais tarde, no industrial.

O progresso material, afinal, se acentuou, constituindo a lavoura de arroz a atividade predominante, desde a fundação. E Ascurra está indo em frente em termos de crescimento e de oportunidades

para as pessoas. E as que aí residem não ocultam a satisfação e o júbilo de que se sentem possuídas vendo realizadas, em parte, as suas esperanças.

## CASAMENTO DE MILENE CLAIR ZONTA

À descendente de pioneiros italianos de Ascurra e Rodeio, chega-lhe a hora imorredoura de sua vida.

Milene, tetraneta de um dos pioneiros de Ascurra, André Zonta, bisneta de Silvio Scoz, Conselheiro de Blumenau na segunda década deste século, e primeiro Prefeito de Rodeio; tetraneta de Luiz Isolani, que foi professor, primeiro Intendente de Ascurra e Conselheiro no oitavo Conselho de Blumenau, de 1919 a janeiro de 1926. Tarcísio Zonta é filho de Luiz Zonta Neto e de Honorata Isolani e Rose Clair Scoz é filha de Walmor Scoz e de Paulina Beninca.

Milene, filha de Tarcísio e de Rose Clair, une-se pelo laço matrimonial com Pietro Carlo Paladini Sobrinho, filho de Augusto Paladini e de Dulce Maria Sampaio, no sábado, 13 de julho.

Pudéssemos nós, possuir a riqueza de palavras para retratar fielmente as horas felizes por que passamos nessa grande festa, realizada na centenária Sociedade Recreativa e Esportiva Ipiranga, após as solenidades religiosas celebradas na Capela Franciscana «Santo Antônio», presidida por Frei Jurací Scoz.

Todos os convidados rejubilaram-se de contentamento, reunidos pela amizade para festejar o enlace desses dois jovens alegres e felizes. Exultamos por ver essa

graciosa união matrimonial e do fundo de nosso coração rogamos a Deus que lhes derrame os mais copiosos favores.

Que a caminhada para o futuro seja plena de contentamento e jamais perturbada ao jovem casal, Milene Clair e Pietro Carlo.

## REGISTROS DE TOMBO DE BRUSQUE (VI)

Pe. Antônio Francisco Bohn

2º. Livro do Tombo : (1895-1931) — 112 páginas.

**Termo de Abertura :** Em virtude de autorização que me foi conferida por S. Excia. Revma., como se vê no provimento da visita à f. 121 do livro dos Batizados do corrente ano, passo a numerar e rubricar este livro com a rubrica Eising — de que uso.

Brusque, aos 9 de setembro de 1895. O Cura Pe. Antonio Eising.

Livro do Tombo da paróquia São Luiz nas colônias de Itajaí e Príncipe Dom Pedro, cuja matriz se acha na Vila Brusque.

1. Carta Pastoral de S. Excia. Revma. o Sr. Dom José de Camargo Barros, bispo de Curitiba anunciando aos seus diocesanos o dia de sua sagração, em 24.07.1894.

Mandamento :

Julgamos dever ordenar o seguinte :

1º.) Esta nossa Carta Pastoral será lida, em partes, à estação da missa conventual em todas as matrizes, Igrejas e Capelas públicas de nossa Diocese, nas quais habitualmente se celebra o santo sacrifício da Missa.

2º.) Para chamar as bênçãos de Deus sobre o nosso Episcopado, todos os RR. Sacerdotes do clero secular e regular, por espaço de nove dias, a partir do primeiro depois da recepção deste mandamento, darão na Missa a coleta do "Espírito Santo", "Deus qui corda Fidelium" guardadas as prescrições litúrgicas, ficando por esse tempo suspensa qualquer outra coleta ordenada.

3º.) A referida Coleta do Espírito

Santo será dada pelo mesmo espaço de tempo em todas as bênçãos do SS. Sacramento, logo após a oração respectiva "sub unica conclusione."

4º.) Os RR. párocos, na forma do estilo, registrarão esta Pastoral no livro competente e como máxima brevidade nos enviarão certidão de haverem cumprido tudo o que aqui fica ordenado.

5º.) Finalmente muito encarecidamente recomendamos a todos os nossos diocesanos que, por igual tempo façam algumas orações ao Espírito Santo afim de que obtenhamos graças abundantes para a acertada direção da diocese.

Roma (Fora da porta Angélica), 24 de junho de 1894.

2. Carta Pastoral de Dom José anunciando aos seus diocesanos a Visita Pastoral em 24.02.1895.

"O que é a Visita da Diocese? É uma das mais pesadas e ao mesmo tempo uma das mais doces e importantes obrigações que pesam sobre o formidável ministério que do Divino Pastor das almas recebem o Bispo no dia de sua sagração."

"...Quando o Bispo estiver para chegar a uma cidade de sua Diocese, os Padres, os Cônegos, os Magistrados e os outros funcionários da cidade vão encontrá-lo com a devida honra e que as ruas por onde passar estejam limpas, ornadas de folhagens, de flores e de outros adornos em sinal de alegria..."

Mandamento do cumprimento da Carta Pastoral, em 24.02.1895.

3. Avisos ao clero (cópia), no ordo de 1895.



4. Avisos ao Clero no ordo de 1896, sobre Santos Óleos, Intenções de Missa, Catecismo, dias de jejum, dias de abstinência de carne, Mês do Santo Rosário. Culto do Santíssimo sacramento, Paramentos, Ritual Romano, Batismo de adultos, Eucaristia, Missa Votiva do Sagrado Coração de Jesus.

5. Aviso Episcopal quanto aos cemitérios, em 26.10.1895.

6. Carta Pastoral de Dom José de Camargo Barros estabelecendo o Óbulo Diocesano.

Mandamento sobre a Carta Pastoral, em 16.01.1896.

7. Cartinha episcopal a respeito do catecismo dos meninos em 12.06.1896.

8. Provisão de zelador do Cemitério da Vila Brusque em favor de Nicolau Gracher, em 02.10.1896.

**Obs :** A página 46 existe uma anotação feita pelo Rev. Pe. Gabriel Lux, SCJ sobre os registros :

"Em virtude da autorização que me foi dada pelo Exmo. e revmo. Sr. Doni Duarte Leopoldo e Silva, digníssimo Bispo Diocesano, continuo este Livro de Tombo, aberto no dia 09 de setembro de 1895 e declaro que fora deste, existe ainda outro Livro de Tombo, aberto aos 29 de agosto pelo Revmo. Pe. Alberto José Gonçalves, e que foi continuado até fevereiro de 1902.

Brusque, 1º. de janeiro de 1905.

Pe. Gabriel Lux, SCJ. (Vigário).

1. Provisão de vigário encomendado em favor do Pe. Gabriel Lux, em 04.10.1904.

2. Provisão de coadjutor em favor do Pe. Henrique Meller, em 04.10.1904.

3. Provisão de coadjutor em favor do Pe. João Stolte, em 27.12.1904.

4. Provisão de coadjutor (com residência em Azambuja) em favor do Pe. José Sundrup, em 27.12.1904.

5. Pastoral coletiva dos Bispos da Província Eclesiástica Meridional do Brasil comunicando ao clero e fiéis o resultado

das conferências dos mesmos em 1904.

6. Carta pastoral de D. Duarte Leopoldo e Silva saudando os diocesanos, em 22.05.1904.

7. Circular do Sr. Bispo sobre o Retiro Espiritual, em 15.10.1904.

8. Circular do Sr. Bispo sobre o Jornal "A Estrela", em 01.11.1904.

9. Mandamento do Sr. Bispo sobre o estudo da língua portuguesa, em 02.01.1905.

10. Provisão de dispensa matrimonial (Antônio Gandolfi e Carolina Zacht), em 25.01.1905.

11. Provisão de dispensa matrimonial (José Dias de Oliveira e Ana Clara Rosa de Jesus), em 25.01.1905.

12. Provisão de Exposição do SS. Sacramento em Azambuja, em 27.12.1904.

13. Provisão de Exposição do SS. Sacramento (em diversas datas) em Azambuja, em 06.12.1904.

14. Provisão de diversas faculdades, em 13.12.1904

15. Dispensa matrimonial (Perfeito Pereira e Maria da Conceição de Borba), em 13.12.1904.

16. Circular nº. 12 tratando do Retiro Espiritual, em 01.07.1905.

17. Provisão de sacristão para Damião Maffezzolli, em 22.07.1905.

18. Provisão de celebrar Missas em casas particulares, em 04.07.1905.

19. Provisão de fabriqueiro (Carlos Krämer), em 22.07.1905.

20. Provisão quinquenal de celebração de Missas, em 22.07.1905. (Capela Poço Fundo).

21. Provisão de celebração de Missas (Capela Nova Itália) em 22.07.1905.

22. Provisão de celebração de Missas (Capela de Ribeirão do Mafra), em 22.07.1905.

Provimento de visita de Dom Duarte Leopoldo e Silva em 22.08.1905.

23. Provisão de vigário encomendado para o Pe. João Stolte, em 21.08.1905.

24. Provimento dispensando as capelas das taxas, em 25.08.1905.

# Aconteceu... há 50 anos passados

(Notícias copiadas das páginas do jornal "A Nação" — 1943-1980)

José Gonçalves

— DIA 02/07/1946 — Um trem de carga da Estrada de Ferro Santa Catarina descarrilou nas proximidades de Encano, causando atraso de muitas horas ao trem de passageiros que descia de Rio do Sul para Blumenau.

— DIA 04/07/1946 — É destaque a instalação em Blumenau de uma filial da Empresa Intermediária M. L. Araújo, de Florianópolis, cuja filial ficou sob a direção do advogado Ayres Gonçalves, muito conceituado e estimado em Blumenau. \*\*\* O jornal critica o fato de que, no Rio e em São Paulo, o custo do quilo de açúcar varia entre Cr\$ 2,20 e Cr\$ 2,60, enquanto que em Blumenau custa de Cr\$ 4,50 a Cr\$ 5,00.

— 05/07/1946 — Com ampla solenidade e grande presença de público, foram inauguradas as novas instalações das Lojas A CAPITAL, na esquina da Rua 15 de Novembro com a Rua Nereu Ramos. \*\*\* A Empresa Auto Viação Catarinense adquiriu terreno para construir a primeira Estação Rodoviária em Blumenau.

— DIA 06/07/1946 — É divulgado o programa para os festejos, em 03/08/46, do jubileu de ouro da vida religiosa do sacerdote frei Estanislau Schaette, estimado sacerdote e educador (de saudosa memória).

— DIA 07/07/1946 — O jornal destaca que a Fábrica de Indústria de Pneus Firestone registrou festivamente, em Santo André, São Paulo a produção do milionésimo (1.000.000) pneumático desde sua instalação.

— DIA 08/07/1946 — No Torneio Início da Liga Blumenauense de Futebol, sagrou-se campeã a representação do G. E. Olímpico. Do torneio participaram: Palmeiras, Olímpico, C. A. Carlos Renaux, São Lourenço e Guarani.

— DIA 13/07/1946 — Em benefício das obras de construção do Hospital Municipal, foi realizado um concorrido concerto sinfônico no Teatro Carlos Gomes, pela orquestra regida pelo maestro Heinz Geyer (de saudosa memória).

— DIA 16/07/1946 — No palco do Teatro Carlos Gomes apresentou-se Iracema de Alencar, com sua Companhia Nacional de Comédias. Foi apresentada, com grande sucesso e muitos aplausos, a comédia em três atos "Dona e Senhora."

— DIA 14/07/1946 — Na primeira rodada do campeonato da Liga Blumenauense de Futebol, jogaram Olímpico e Guarani. Resultado: empate de 2 a 2. O Olímpico jogou com Waldir, Arthur e Arécio; Kunitz, Pilolo e Jalmo; Nandinho, Braulio, Bodinho, Jair e Brito. Guarani: Kurtz, Abelardo e Rudi; Nelsinho, Lambança e Heidrich; Lúcio, Saguí, Zezinho, Corrêa e Klitzke. \*\*\* A segunda partida da rodada foi travada entre o C. A. Carlos Renaux e o E. C. São Lourenço, de Pomerode. Vitória do C. A. Carlos Renaux por 6 a 2.

— DIA 19/07/1946 — De acordo com a história, o jornal destaca que, neste dia, há 100 anos passados, chegava ao Brasil, para os primeiros contatos com o nosso



país e ver as possibilidades de instalar uma colônia em Santa Catarina, o então jovem químico-farmacêutico e filósofo Hermann Bruno Otto Blumenau.

— DIA 20/07/1946 — Na segunda rodada do campeonato da Liga Blumenauense de Futebol, o Palmeiras venceu o Guarani por 7 a 0. Equipes — Palmeiras: Oscar, Pfau e Schramm; Bóia, Zico e Doquinha; Renê, Meireles, Teixeira, Augusto e Abreu. Guarani: Kurt, Rudi e Abelardo; Baiano, Heidrich e Nelsinho; Amorim, Saguí, Zezinho, Corrêa e Klitzke. \*\*\* Na segunda partida da rodada, o Olímpico venceu o São Lourenço por 6 a 3.

— DIA 25/07/1946 — No palco do Cine Busch, apresentou-se o tenor Carlo Buti com grande sucesso. \*\*\* Foi instalada exposição de pintura do artista Udo Knoff, no saguão do Teatro Carlos Gomes.

— DIA 28/07/1946 — Na terceira rodada do campeonato da Liga Blumenauense de Futebol, o Palmeiras venceu a equipe do C. A. Carlos Renaux por 5 a 2.

— DIA 29/07/1946 — O G. E. Olímpico jogou amistosamente com o Avaí, no estádio da Alameda Rio Branco. Vitória do Olímpico por 4 a 0.

---

## SONETO AO LUSO-BRASILEIRO DE BLUMENAU

Amável luso-brasileiro  
que ao retratar uma velha cidade  
desde o tempo de tua mocidade  
deixa-te mostrar por inteiro

Tu tens a alma generosa  
como diria um bom «catarina»  
faz do lembrar a tua sina  
de maneira tão prazerosa

A ternura não cabe em cada linha  
quando descreves tua infância  
chego até pensar que ela foi minha

Tu não és um luso-brasileiro  
nem germânico verdadeiro  
és, tio querido, cidadão de um mundo inteiro.

Djalma Luiz Vieira Filho

# UM LUSO-BRASILEIRO EM BLUMENAU

## A Cultura Teuto-brasileira

«Dentro de dez anos vamos ter gente aqui em Blumenau que não vai saber pronunciar o próprio sobrenome.» Foi esta frase que mencionei ao Sr. Friedrich Idecker, há uns bons quinze anos atrás, numa conversa que tivemos no Instituto Cultural Brasil-Alemanha.

Um dia desses, ao assistir a um comercial na RBS, emissora de TV de Blumenau, notei um comunicado em que o locutor dizia: «A Ótica Tal comunica que já está atendendo em seu novo endereço à rua Caetano Djique.» O Sr. Caetano Deeke deve ter dado uma volta inteira em seu túmulo por aquela afronta. Recentemente, porém, com satisfação, notei que estão caprichando no nome Breikopf, no anúncio do Consórcio, pois eu já estava cansado de ouvir Breikof em vez da pronúncia correta. Acho que o mínimo de consideração devida pelos locutores que se propõem a trabalhar nesta região, seria procurar saber a pronúncia correta dos nomes alemães e não tentar resolver dando uma solução como se fosse uma palavra em inglês. Fora isto, estarão dando um atestado de burrice e incompetência para a função.

Numa outra ocasião, ao ir à Prefeitura para retirar meu carnê de IPTU, deparei com uma cena em que uma senhora tinha sido deixada de lado esperando pelo funcionário que a estava atendendo, pois não conseguia encontrar o carnê pelo nome pedido por ela. «Como é mesmo o sobrenome?» Perguntou o jovem, numa nova tentativa. «Volkmann,» repetiu a senhora, pronunciando conforme apren-

dera desde a infância, a primeira consoante com som de «F». Já perdendo a paciência o moço pediu para ela escrever num papelucho o tal sobrenome. Vendo o que ela escreveu, o sabichão deu a maior bronca na mulher. «Desse jeito não posso achar mesmo. A senhora me diz errado. O correto é Vouqueman». Aí então ele ficou olhando abestalhado e meio zangado para nós, eu e ela, que calmos na gargalhada. «A senhora é que está errada» eu disse e me afastei.

A primeira vez em que ouvi os sons da língua alemã foi em Curitiba, quando ainda era criança. Era alguém cantando «Drink, drink Brüderlein drink.» Gostei daquela música e a pronúncia me paraceu meio estranha com aqueles ditongos decrescentes: ai, au, oi e as consoantes sibilantes. Depois, em Blumenau, ao chegar, logo pude ver a língua no seu uso diário, usado por todos, até mesmo pelas criancinhas e fiquei admirado.

Só quem entendia alemão lá em casa era meu pai, que tinha feito um curso rápido antes de ir para Blumenau, pois, apesar de ter trabalhado no jornal alemão de Curitiba, Die Zeit, seus conhecimentos do idioma eram precários. Portanto, qualquer significado que eu quisesse saber, tinha que recorrer ao auxílio paterno.

Logo no começo, os vizinhos pediram para eu e minha irmã Ruth irmos brincar com o filhinho deles, o Eugen, para que ele aprendesse o português. Com esse intercâmbio, fomos nós dois aprendendo o alemão. Pequenas frases,



saudações e cumprimentos e até mesmo alguma noção de gramática foram por nós assimilados. Isso até 1939, quando começou a «Campanha de Nacionalização.» A escola bilingue do Colégio Santo Antônio, que eu cursava foi extinta em 1938. Todo o ensino só podia ser feito no idioma oficial. Justificando-se pelo medo de quistos raciais, os governantes daquela época procuravam localizar propositadamente pessoas de outras etnias aqui nesta região, tais como luso-brasileiros e afro-brasileiros, numa espécie de integração racial forçada através de nomeação de funcionários públicos, autoridades judiciais, policiais, funcionários de estatais e até mesmo destacando unidades do exército nacional com missões específicas. Por fim, com a declaração de guerra aos países do Eixo, Alemanha, Itália e Japão, a língua alemã foi proibida. Era crime falar alemão. Creio que uma das coisas que mais feriram o orgulho e a dignidade dos descendentes dos colonizadores deve ter sido a tola e vã imposição de proibição de que se desse o primeiro nome aos filhos em grafia alemã. Assim desapareceram os Hans, Heinz, Franz, Peter, Alfons, Herbert, Hermann, Gerhard, Eugen, para surgirem os João, Henrique, Francisco, Pedro, Afonso, Heriberto, Germano, Geraldo, Eugênio. Aceitavam-se outros nomes estrangeiros como Washington, Jefferson, Anderson, Cleiton, Newton, Jackson, etc., mas nome alemão, nunca. O jeito foi apelar para nomes que não tinham tradução em português: Diether, Wolfgang, Helmut, Werner, Baldur, Günther. Mesmo assim, o pai era desencorajado.

Se a língua tinha sido proscrita, só sendo falada escondido, no

mais íntimo recesso do lar, as tradições conseguiram fixar-se profundamente na alma daqueles que honravam seus ancestrais. Os valores que foram trazidos da velha pátria alemã nunca foram esquecidos e foram se adaptando à nova terra, tendo produzido tão bons frutos e de tal forma que até o caboclo que habitava estas plagas começou a adotar os usos e costumes dos colonos.

Tenho disso um bom exemplo em nossa família. Antes de ir para Blumenau, tínhamos tradições lusas muito remotas. Vieram depois os usos e costumes alemães para dentro de nossa casa, principalmente através de meu pai. O Sr. Acrísio era grande admirador da cozinha alemã e de vez em quando vinha com Sülze, Limburgkäse, Sauerkraut, Kräuterkase, Leberwurst, Blutwurst. Enquanto isto, eu e minha irmã Ruth, víamos as tradições de Natal e Páscoa nas casas dos amigos e colegas e pedíamos para mamãe fazer para nós, pois toda criança quer ser igual às outras. Assim, passou-se a colorir ovos de galinha com anilina, a fazer bolachas de Natal com enfeites de açúcar colorido, a enfeitar árvore de Natal, fazer Stollen e inclusive o famoso pão caseiro de aipim e batata bem pesado e nutritivo, de cortar no peito. Isto nos foi inculcado, não só na parte das comidas e das festas, mas também na educação, tal como a obediência aos regulamentos e sistemas sem discutir, a preocupação de limpeza da casa, do quintal, das calçadas, o amor pelos jardins cheios de flores e o modo de vida austero e simples, sem grandes ostentações de riqueza, mesmo em época de vacas gordas. Também o gosto pela música, tanto pela erudita como pela popular, pelas festas po-



pulares, quermesses, bailes, festas de atiradores etc. em detrimento das festas de origem lusitana, como São João, festa caipira, carnaval, Boi de mamão. Minha irmã acabou casando com um rapaz de origem alemã e teve três filhos com ele, todos de sobrenome Woestehoff. Eu também, procurei uma companheira teuto-brasileira e encontrei Maria Antônia, que apesar do nome típico português, descende dos dois lados de alemães e austríacos. Estamos, portanto, integrados à comunidade teuto-brasileira.

No dia em que fizeram uma verificação do número de descendentes de alemães no Brasil, verão que é um dos maiores contingentes, uma das maiores minorias étnicas neste caldeamento de raças. Em todas as localidades deste Brasil, de norte a sul, encontramos um «Bar do Alemão», «Oficina do Alemão», «Confeitaria Alemã», «Hotel do Alemão», «Restaurante Alemão» e assim, desde o início da colonização com Hans Staden passando pelos soldados alemães de D. Pedro I até os mais recentes, o número de teuto-brasileiros cresce dia a dia. Na revista Time, numa reportagem que tratava da descoberta dos restos de Josef Mengele no Brasil, dizia que existiam no território brasileiro cerca de 3.600.000 descendentes de alemães. Numa publicação turística constava que só 20% da população de Blumenau é de origem alemã. Acho que são números muito modestos. Devem ser em número muito maior. Há alguns meses atrás, vi no jornal Nikkei, da comunidade nipo-brasileira, uma candidata teuto-nipônica ao título de Miss Colônia Japonesa, chamada Waniza Ando Ehke, numa mestiçagem linda de alemãzi-

nha alta, de cabelos escuros e olhos puxados.

O maior e mais forte vínculo de uma etnia, dizem os antropólogos que é a língua comum. Deveríamos cultivar dentro do possível a língua alemã, entre nós. É uma língua muito rica, exata e até mesmo bonita. Para mim é minha segunda língua mãe, pois desde menino me acompanhou, apesar de eu nunca ter conseguido falar com fluência, a não ser em minha idade madura, quando concluí um curso no Instituto Brasil-Alemanha em Blumenau e depois no Instituto Goethe em Curitiba. Tive a sorte de ter tido Dona Thea Willecke como minha professora em Blumenau e em Curitiba, Dona Adelaide Rudolf e Dona Margarete Scorsini, que apesar do sobrenome italiano, nasceu em Hannover e veio casar no Brasil. Se na boca de um soldado o som da língua é áspero e cortante, nos lábios de uma mãe a falar com seu filhinho, adquire uma ternura emocionante. Nos sussurros dos namorados tem toda a meiguice e doçura possíveis, até mesmo quando a namorada diz «nein» a ele. Na linguagem nostálgica da «Oma», nas poesias e nas canções pode chegar até a nossa saudade do português. Por isso, quando escuto alguém falar alemão perto de mim aqui em Curitiba ou em qualquer lugar que eu vá, volto à minha infância e me sinto em casa.

Com muita tristeza verifiquei que a língua alemã em Blumenau está em profunda decadência, não obstante um certo renascimento havido com o surgimento da Oktoberfest, com pretensões turísticas. Numa confeitaria da Rua dos Caçadores ao ser atendido por uma balconista lourinha de indiscutível aparência alemã, tentei pedir o que eu queria em alemão. Ela levou



um susto e me respondeu com um «Hein ? Como ?» Ai então, passei para o português. Maria Antônia foi atendida em espanhol nos lojas Hering. Hoje em dia fala-se mais espanhol do que alemão em Blumenau.

Já que não se tem mais o domínio do idioma por falta de uso, o que não deixa de ser um fenômeno natural, que se capriche na pronúncia dos nomes germânicos, principalmente do próprio sobrenome. Se não se tiver certeza da pronúncia exata, que se informe com os avós ou pais. Depois que se corrija os alienígenas e os de outras etnias. Não se deixe que usem a pronúncia inglesa para o «W» e os dois «EE». Que se cuide que pelo menos a pronúncia do «O» e do «E», se é aberta ou fechada, observando se há grupos consonantais logo em seguida. Que se cuide que as vogais modificadas «ä», «ö», «ü» sejam considerados e que quando escritos sob a forma «AE», «OE», «UE» não sejam pronunciados como se fosse em português. Não deixe que pronunciem Kaéser, Boésel, Roésel e Wuérz. É o mínimo de consideração que se deve aos ancestrais, que regaram esta terra com seu suor e abençoaram este país com seu trabalho e seu sofrimento. Nunca me esqueço de uma frase em alemão que eu sempre ouvia em Blumenau: «Wir Deutschen müssen zusammenhalten !» Que se leve isto a sério, gente. Preservem a cultura teuto-brasileira. Encaminhem seus filhos aos cursos de língua alemã dos Institutos Culturais e cultivem os costumes e tradições teuto-brasileiros. Ressuscitem as velhas receitas de pratos típicos e doces e façam-nos constar de suas mesas em dias de festa. Pre-

servem as suas sociedades culturais, seus clubes de bolão, suas sociedades de atiradores. Caso contrário, o que veremos daqui a mais algum tempo, as únicas sociedades que estarão cultivando as tradições em Blumenau, serão as CTG, que sabem como ninguém desempenhar este papel.

Uma vez, em Blumenau, perguntei a um colega de origem alemã, porque ele alegava que tinha dupla nacionalidade, se tinha nascido no Brasil. Ele me respondeu assim: «Porque o Governo Alemão assim o reconhece. Suponhamos que uma gata dê à luz uma ninhada de gatinhos dentro de um forno. Só por isso os gatos ali nascidos devem ser chamados de biscoitos?» A maioria dos países europeus fazem tal política de reconhecimento de nacionalidade para os filhos de seus cidadãos nascidos no exterior. Tomando, porém, a figura dos gatinhos nascidos no forno, passei a me considerar um daqueles filhotes, que embora não tenha nascido dentro do forno, lá se refugiou ainda pequenino e passou a se chamar biscoito. Nascido em Curitiba, vim para Blumenau em tenra idade, perdendo meus laços com a terra natal. Fui adquirindo a coloração do local como os camaleões, num mimetismo crescente tão intenso que passei a me considerar como nascido em Blumenau. As poucas tradições herdadas de meus ancestrais lusos que ainda conservo são a minha predileção por bacalhau (até mesmo na Ceia de Natal), meu gosto pela música popular regional portuguesa e esta língua, última flor do Lácio inculta e bela que aprendi com minha mãe. O luso-brasileiro, Ruy Moreira da Costa, que de lusitano tem quase só o nome, foi aos poucos perdendo a he-

rança ibérica e foi se transformando de corpo e alma num legítimo

teuto-brasileiro de Blumenau pela vida a fora.

**Ruy Moreira da Costa**  
09 de julho de 1996

## REMINISCENCIAS DA 15

**Werner Henrique Tönjes**

(Dedicadas aos meus filhos Claus e Werner Hinkel, Carlos H. Wick Tönjes e a esposa Jussara)

### 1. A CAIXA DE MAÇÃS

Nos anos 50 e 60 uma quitanda situada próximo ao Teatro Carlos Gomes servia os fregueses, com a pequena família revezando-se no trabalho. Uma das frutas raras era a maçã argentina de marca Red Delicious com a cabeça indígena estampada. Qualidade igual a esta iguaria não existia a não ser as muito ácidas e verdes e pequenas, nacionais. O preço da fruta portenha era alto. Durante o dia os pomos eram colocados em cima da caixa de madeira própria da embalagem importada e economizava-se a prateleira hoje chamada de expositor, além de compradores observarem a origem do vegetal de coloração vermelha com estrias verticais amarelas denunciando a sua natureza. No verão blumenauense, diariamente alguns destes produtos se deterioravam ao passar do dia. Ao entardecer o comerciante separava as peças amassadas ou estragadas e com um canivete destacava o lado bom e o dava ao filho menor ou a esposa no afã de diminuir o prejuízo reservando sempre o melhor da mercadoria para a venda do dia seguinte.

### 2. AS POÇAS D'ÁGUA

A calçada compreendida entre a antiga Casa Vetterle e o atual Edifício Juma era acompanhada de um muro, este chamado de "o muro da vergonha".

Corria o ano de 64 a Beatlemania era moda, era verão e as saias curtas vestiam as meninas. No trajeto escolar utilizava-se o percurso descrito acima em direção aos três principais colégios do centro da cidade. Os jovens sabendo do caminho traziam de casa água límpida embalada em sacos plásticos e despejando o conteúdo na calçada faziam que nela se formassem poças d'água. Sentados de cima do paredão observavam o espelho líquido esparramado no passeio público refletindo os trajes íntimos e formas femininas com as estudantes exclamando: "ai, que vergonha". (Cleo)

### 3. DER LEICHENWAGEN — O CARRO DE DEFUNTO

Nos anos 30, a principal artéria da cidade tinha pouco movimento, não era de estranhar que os residentes postados na janela observassem quem passasse. O netinho da família, curioso apreciava o "grande" movimento de sua casa perto do Teatro Carlos Gomes. Nos anos 30, Blumenau era diferente, tranquila, jovial e sem açoitamento. Volta e meia também transitava o carro de defunto, todo negro e puxado por dois cavalos enfeitados sobriamente, como a situação requeria. O pequeno menino, impressionado pela pompa fúnebre e andar solene do féretro dizia ao avô "Opa, da kommt der Leeeichenwaaaagen! (Opa da kommt der Leicheswagen) Vô, lá



vem o carro de defunto, com uma voz igualmente pesada e de som grave exatamente como a ocasião pedia. Os sinos da Igreja de São Paulo Apóstolo tocavam e as lojas comerciais cerravam as portas no trajeto percorrido. (Brack)

#### 4. ANOS 90 — O SUBMARINO

Claus T., menino esforçado gostava de ligar o controle remoto e manobrar o submarino de modelo alemão da 2ª. guerra. A embarcação atravessava o Rio Itajaí-Açu de um lado para outro e por baixo dos alicerces da ponte, Adolfo Konder. Para um pescador ancorado quase no meio do rio foi uma surpresa ver aquele estranho objeto rodeando o seu barco de pesca, pois não conseguia identificar o manobrador escondido nos arbustos perto da margem, para grande alegria do rapaz. Após confundir bastante o pescador o submarino de 1 metro de comprimento, U 505, esta era a numeração, rumou em direção a prainha. Todo orgulhoso o piloto via uma pequena multidão de curiosos observarem a travessia do objeto e alguns externavam o desejo de terem um igual. A correnteza nesta parte da Ponta Aguda é forte, devido a curva do rio. Repentinamente aparece um enorme e comprido tronco de árvore navegando velozmente em direção ao submarino. Do outro lado da margem, perto do Edifício Catarinense, Claus apertava os botões de comando desesperadamente: as pilhas estavam fracas. A árvore, qual um torpedo inimigo atingiu o submarino a bordo. Não sobrou nada.

#### 5. ANOS 90 —

##### O AEROMODELO

Tudo que acontece de interessante sempre é apresentado na Rua 15 e na Beira Rio. César outro moço idealista, comprou um avião com motorzinho japonês e a envergadura da asa devia ter 1 metro. A fuselagem vermelha era vista de longe, contrastando com o azul do céu. O rapaz manobrava o controle remoto e o aviãozinho fazia pirueta no céu soitando uma estria esbranquiçada. Orgulhoso, o seu proprietário acompanhava com os olhos o looping do aparelho e pessoas aglomeravam-se na Beira Rio, numa tarde de sol. O objeto voador em certa altura foi longe, até a prainha e retornou com o motor a pleno ruído, isto é, em alta rotação. O sol refletia os raios na asa e não era possível distinguir se vinha ou ia. Repentinamente ele veio, não se sabe porque ou como e bateu violentamente contra a amurada do Edifício Mauá lá pelo 6º. andar. A asa, com o impacto, soltou-se do modelo e alguns pedaços caíram em cima de um lambretista que xingou um bocado pelo ataque aéreo sofrido.

Foi o fim inglório do caça a hélice e foi necessário pedir a alguém que tinha acesso ao andar para retirar a fuselagem. Este acontecimento teve o dom de quebrar a monotonia dos fins de semana na City onde o principal lazer é olhar vitrines e escolher um bom local para comer.

**ERRATA:** pg. 111, abril de 1996: Optica Heusi localizava-se no lado direito da Rua 15, descendo como o rio o faz. Era vizinho da Casa das Malas Bernhardt Irmãos e do Neon Imperial, loja do meu tio Hans Tönjes, isto em 1954. O proprietário da Optica Heusi mudou-se mais tarde para a esquina da Rua 15 com a Padre Jacobs e na época representava o Cine Foto sendo pioneiro na instalação de circuito fechado de TV na região Sul do País numa empresa blumenauense e o lançador do 1º. Consórcio de Câmera fotográfica monoreflex Miranda em 69. Rubens faz parte dos lojistas tradicionais da cidade e era como cliente o grande degustador de empada de massa folhada, a melhor da cidade oferecida no "Tönjes"

**Meu amigo Holetz disse:** Werner, você esqueceu a Loja de Calçados Sauer no lado direito e perto da "Fiambreteria Seleta". Pg. 139, maio de 96. A pedra de isqueiro, no final entre aspas "von Hohendorff."

## Cartas

Do nosso leitor Oreste Nesti, residente em São Paulo, recebemos o seguinte :

«São Paulo, 11 de julho de 1996.

Prezado Editor de «Blumenau em Cadernos»

Venho externar meu reconhecimento pela regularidade das edições de «Blumenau em Cadernos» em que, perpetuando a memória da cidade, registra os mais variados assuntos como literatura, genealogia, história, noticiário, como a nota à respeito da atriz Ava Gardner, a notícia sobre a Casa Buerger, de Arno Buerger, de saudosa memória que, em 28 de maio de 1946, abriu sua nova loja, na rua 15 de Novembro, entre outros interessantes artigos.

Como neto, pelo lado materno, do casal Germano e Maria Buerger, que em seu sítio no bairro Garcia geraram uma prole de 10 filhos e 5 filhas, guardo muitas lembranças de minha passagem por Blumenau.

Essas reminiscências me trazem à memória, fatos de minha meninice, quando aos 14 anos de idade aprendi a nadar no perigoso ribeirão Garcia, no longínquo ano de 1927, cujas águas eram povoadas por inúmeros peixes, inclusive o cascudo.

Desejo também congratular-me com os participantes do grupo «VIVA-A-VIDA», que se reúnem periodicamente, participando de festivos e amistosos almoços. Entre os participantes está o meu estimado primo Ariano Buerger, irmão de Arno Buerger.

Devo acrescentar que aqui em São Paulo, os jovens da terceira idade, homens e mulheres, também se reúnem para a prática de canto coral, teatro, palestras e outras atividades próprias aos idosos e aposentados.

Por tudo isso, que «Blumenau em Cadernos» divulga, reitero meu apreço e reconhecimento. Atenciosamente — Oreste Nesti.»

x x x x x

Do poeta e crítico literário Vilson do Nascimento :

«Revista «Blumenau em Cadernos». — A Galeria Municipal de Artes recebeu o exemplar de junho de 96 da revista mensal histórica «Blumenau em Cadernos».

Como sempre acontece, vem com o costumeiro cuidado gráfico, marca registrada da equipe do Parque Gráfico e do Serviço de Encadernação da Fundação Cultural de Blumenau.

Gostaríamos também de ressaltar a inclusão, entre os articulistas da Revista, do nome do jornalista e professor de português Gervásio Tessaleno Luz. No artigo «Cinemas Ontem e Hoje», Gervásio, além de historiar o prédio (patrimônio histórico) do extinto Cine Busch, comenta os vários lances que culminaram com a «morte **mandada**» dos Cines Busch I e II.

Nossos cumprimentos ao novo colunista e também ao jornalista e escritor José Gonçalves, — editor da Revista «Blumenau em Cadernos» — por incluir entre seus colaboradores este atuante jornalista blumenauense, hoje redator do jornal «A Hora Política», onde subscreve a coluna «À Queima Roupa.» — Atenciosamente, Vilson do Nascimento.»



# Jornais do meu tempo (I)

Gervásio Tessaleno Luz

Blumenau sempre foi uma cidade pródiga no fazer, editar e divulgar jornais, a maioria ditos nanicos ou alternativos. Ao lado dos grandões, os jornalões («A Nação», «Cidade de Blumenau», e «Jornal de Santa Catarina») sempre estiveram a importuná-los publicações de bom nível («Entrevista», «A Hora», «Releituras» e outros) e outras mais chegadas a amenidades («Nosso», «Blumenau Hoje», «Jornal da Noite» e tantos mais) ou pauleira pura («Ronda», «Vanguarda», «Combate», «Povo» etc.).

Não pretendemos fazer História. O verdadeiro e fundamentado registro sobre os periódicos locais está nas mãos e talento de Sueli Vanzuita Petry. Ela sim irá lançar «A Imprensa em Blumenau». Na verdade, uma reedição do livro de José Ferreira da Silva, ampliado e atualizado.

O que vai aqui são apontamentos que a vã memória ressuscita, com as omissões dignas de perdão porque não apoiados em documentos. Puras lembranças, apenas. Além da inflação de poetas, a cidade sempre abrigou «n» publicações sobre os mais variados assuntos. Certa feita, surgiu um diário, pequenito, intitulado «Ponto» (hoje é o semanário «Jornal da Noite»). Mereceu, de nossa parte, saudação desse tipo: «Na base do cochicho, da conversinha de pé-de-ouvido, anuncia-se um novo jornal. Com lançamento previsto pro início do ano (a notinha data de 20.10.83), alimenta pretensões: circulação diária, cinco mil exemplares e dis-

tribuição gratuita. Tablóide dos menores, com diagramação assim: matérias no meio da página, cercadas de anúncios por todos os lados. Curiosamente, a nova publicação recebeu o batismo de «O Ponto». Editores são conhecidos na praça (que é do povo...): o escritor e comandante da Habitasul Altair Carlos Pimpão e o advogado, mais homem de televisão, Carlos Alberto Ross. A abrangência de assuntos promete ser (quase) total. Haverá o ponto político, o ponto social, o ponto econômico e pontos mais. Há quem diga (sem maldade) que até na área do bordado haverá incursão. Com coluna denominada «O Ponto de Cruz.»

Pulando para os jornalões. Blumenau teve três grandes jornais. Dois deles, já falecidos: «A Nação» e «Cidade de Blumenau.» O terceiro ainda dura: «Jornal de Santa Catarina». O que é um grande jornal? Primeiro, diário e depois com uma circulação mais poderosa do que a dos semanários.

«A Nação» foi para a comunidade o que hoje é o JSC, embora mais local e sem mínimo sotaque gaúcho, herança de nascença e marca por tempos que caracteriza o segundo órgão de comunicação da família Sirotsky. O primeiro chama-se «Diário Catarinense», «DC», que muitos chamavam de DG, «Diário Gaúcho». Não por implicância, bairrismo ou xenofobia. Apenas por detalhes. O jornal registrava Brigada Militar para Polícia Militar e rotulava o nosso outrora límpido ribeirão Garcia de arroio, expressões dos pagos e dos pam-



pas. Mas fiquemos, por enquanto, na imprensa realmente local.

Mesmo que «A Nação» tenha pertencido, a maioria do tempo, ao império associado do caudilho Assis Chateaubriand, tratava-se de um diário blumenauense por natureza. Ironicamente, ele foi dono de uma rede de jornais, revistas, rádios e estações de tevê (a Tupi), a maior da América Latina. A Globo de ontem. Hoje, a RBS transmite a programação do canal do Dr. Roberto Marinho.

«A Nação» herdou o «Der Urwaldsbote», traduzido : «O Mensa-

geiro das Selvas». Era o seu refrão. Stanislaw Ponte Preta, tremendo gozador, quando soube do refrão do diário blumenauense, não teve dúvidas. Sem conhecer (ainda) Blumenau, imaginou-a uma cidade selvagem, com indiada pra todo lado. Na verdade, os bugres já estavam acomodados na reserva de Ibirama e só seriam incomodados pela construção das barragens, meio-que-recente.

Na primeira oportunidade, estaremos recordando os diretores, repórteres, cronistas e colunistas do tão saudoso jornal de Blumenau.

---

## Museu móvel da história de vida de Madre Paulina

José Gonçalves

Para os que, ultimamente têm visitado a localidade de Vígolo, em Nova Trento, onde encontra-se a memória da vida de Madre Paulina, é muito confortável e impressiona sobremaneira uma nova atração e mostra do quanto da habilidade profissional de um verdadeiro artífice, teve o Sr. Francisco Mirsatti. Esta figura profissional iniciou, no ano de 1993, a construção de um museu histórico móvel através de cujas figuras em movimento e inscrições, é narrada toda a vida vivida por Madre Paulina, desde que chegou àquela localidade com seus pais.

O trabalho concluído pelo Sr. Francisco Mirsatti e inaugurado no Natal de 1995, é uma obra verdadeiramente admirável e impressionante, pela precisão dos movimentos das figuras que a compõe, pela impressão que causa a todos, parecendo-nos ver a figura viva da santa recém-canonizada e dos demais figurantes. Vale a pena via-

jar até Vígolo para, conhecendo outros detalhes existentes no local e que mostram a obra da abnegada irmã benfeitora dos aflitos e doentes, conhecer o museu móvel.

Francisco Mirsatti é filho de Nova Trento e sua habilidade de artífice, segundo informações de pessoas que o conhecem, lhe é nata. Trata-se de um artista sumamente inspirado e que, com sua devoção à memória de Madre Paulina, conseguiu transportar para sua obra os lances mais perfeitos da consagrada figura hoje tão devotamente lembrada nas orações de tantos milhares de fiéis que semanalmente visitam aquele aprazível local que é Vígolo.

Nossos cumprimentos ao artífice Francisco Mirsatti e a recomendação de que, ao visitarem Vígolo, não deixem de conhecer o Museu Móvel da vida de Madre Paulina, uma obra que faz uma bela história e que ficará na história como um perfeito trabalho de arte.



## *Os aposentados do «Viva-a-Vida» se reúnem em mais um almoço e recebem novos adeptos*

No dia 20 de junho passado, os aposentados integrantes do homogêneo grupo de amigos conhecido por «Viva-a-Vida», sobre o qual nos reportamos na edição anterior, reuniram-se mais uma vez na chácara do companheiro Benjamin Margarida, para mais um almoço de confraternização.

O ágape muito fraternal que caracteriza esses encontros dos aposentados residentes em Blumenau, contou mais uma vez com a presença de quase todos os inscritos na lista do abnegado e eficiente executivo Egon Probst.

Para alegria dos presentes, novos adeptos inscreveram-se no clu-

be que não possui estatutos nem regulamentos mas que funciona com a maior eficiência sob todos os aspectos.

O almoço foi mais uma vez ilustrado com a presença de excelente conjunto musical com repertório de serestas e músicas saudosistas tão ao gosto de todos.

Os novos integrantes do grupo são: Adalberto Vanzuita, João de Borba e Roberto Leindecker, aos quais foram apresentadas as boas vindas dos já quase cem membros inscritos no «Viva-a-Vida».

O próximo encontro-almoço dos integrantes do fraterno grupo deverá acontecer no mês de agosto.

X X X X X X

### **OUVIDORIA NA CELESC**

A exemplo do que já vem acontecendo na Prefeitura Municipal de Blumenau, a CELESC — Centrais Elétricas de Santa Catarina também instalou um serviço de Ouvidoria, visando dar melhor atendimento às reclamações de seus usuários. Sem dúvida alguma, a instalação desse serviço, é um recurso final para quem não tem conseguido soluções em energia elétrica pelos meios convencionais. Assim, o recém-criado organismo, funciona dentro da CELESC como um repre-

sentante do consumidor. Fazemos este registro com a maior satisfação, pois se o nomeado ouvidor que é o Sr. Paulo João de Souza cumprir rigorosamente com as obrigações que lhe são atribuídas, o consumidor catarinense de energia elétrica terá um apoio seguro para solucionar problemas que surgirem daqui para diante. Nossos cumprimentos aos dirigentes da CELESC pela oportuna iniciativa da criação da Ouvidoria.

X X X X X X

## SALTOS ORNAMENTAIS

Quando estamos assistindo neste mês de julho, via satélite, espetáculos sensacionais de saltos ornamentais nas competições das Olimpíadas de Atlanta, é oportuno lembrar que, quando na presidência da Federação Aquática de Santa Catarina, no ano de 1975, portanto há 21 anos, o Sr. José Carlos Ubiratan Jatahy promoveu o Primeiro Campeonato Estadual de Saltos Ornamentais no Clube Guairacás, de Timbó, com a participação de numerosos atletas pertencentes a clubes de Joinville, Timbó e Blumenau.

Dois atletas blumenauenses conseguiram os primeiros lugares e que foram, na categoria infantil, em primeiro lugar Eunildo Camargo e em segundo Alex Nor. Na categoria juvenil, mais dois blumenau-

enses se classificaram : em 1º. lugar, Nelson Nor e em segundo, Evaldo Camargo. Já na força livre, também duas blumenauenses conseguiram os melhores lugares : Ingrid Roessel em primeiro lugar e Cristina Pfau em segundo. Na força livre masculino novamente um blumenauense classificou-se em primeiro lugar : Rolf Roessel. Em segundo, o atleta blumenauense Carlos A. Soares.

Com esses resultados, o Grêmio Esportivo Olímpico tornou-se campeão estadual da modalidade, ficando em segundo lugar o Joinville Tênis Clube.

É uma reminiscência agradável lembrar os nomes desses atletas que há 21 anos passados já davam o maior brilhantismo aos saltos ornamentais.

---

## ACONTECEU...

JUNHO DE 1996

---

— DIA 1º. — Em entrevista à imprensa, a atleta blumenauense Ana Moser confirmou sua presença nas Olimpíadas de Atlanta, uma vez que, segundo ela, já estava em franca recuperação da cirurgia sofrida no joelho direito. \*\*\* Foi liberada pela Promotoria Pública a construção da cervejaria na Praça Hercílio Luz (Biergarten). \*\*\* Neste dia a Torre da Igreja Matriz São Paulo Apóstolo completava seus 33 anos que foi inaugurada.

— DIA 04 — A notícia do dia é de que os termômetros, na noite anterior, registraram a mais baixa queda de temperatura neste inverno em Blumenau, marcando 7 graus.

— DIA 03 — Milhares de formigas invadiram a casa de Genesio Maciel, morador no final da rua Pastor Oswaldo Hesse, Morro Garuva, obrigando os moradores a abandonar a casa temporariamente, enquanto as formigas buscavam comida dentro de casa.

— DIA 05 — Foi inaugurado o Parque Natural Municipal "São Francisco", localizado atrás do Shopping Neumarkt e conhecido anteriormente por "Morro dos Padres".



Trilhas bem determinadas, permitem aos visitantes um excelente convívio com a natureza. \*\*\* Teve início a terceira edição da FESTITALIA em Blumenau, com a presença, na PROEB, de numeroso público. O acontecimento, a cada ano, alcança maior sucesso.

— DIA 08 — Encerrou-se a FESTITALIA que deixou saudades aos que dela tiveram a felicidade de participar. \*\*\* No Teatro Carlos Gomes, apresentou-se, em noite de gala, o Grupo Gaya, da Academia de Dança Albertina Ganzo, a Suite Quebra-Nozes.

— DIA 13 — Comemorando os 25 anos de atividades da Escola de Música do Teatro Carlos Gomes, foi levado a efeito um concerto a cargo dos professores da mesma Escola, com os solistas Simone dos Santos, Sandra Braga e Gilson Padaratz. \*\*\* Na Galeria de Arte da Fundação Cultural de Blumenau foi realizada a solenidade de abertura da exposição bienal Reinaldo Manzke. \*\*\* No Beira-Rio Shopping, foi aberta a Exposição Especial Arte e Decoração Individual, da artista Rosina de Francheschi Fiamoncini.

— DIA 14 — Violento incêndio irrompeu no 1º. andar e no térreo do edifício Catarinense, à rua 15 de Novembro, causando pânico à população em geral. As chamas, que se propagaram rapidamente depois que atingiram a loja Koerich, no andar térreo, chegaram a causar grandes estragos até o 4º. andar, colocando os que ocupavam outros andares superiores em situação terrível. Felizmente não houve vítimas e apenas ocorreram três casos de intoxicação, cujos atingidos foram logo socorridos pelos bombeiros e o pessoal da Defesa Civil.

— DIA 18 — Na Galeria do Papel, da Fundação Cultural de Blumenau, foi feito o lançamento do livro "Reflexos" pelo autor Luiz Eduardo Caminha. \*\*\* O JSC destaca, em bela foto, os integrantes da Banda São Pedro, de Gaspar, por ocasião das comemorações dos 50 anos de fundação da mesma e que tem prestado valiosos serviços junto à população do Vale.

— DIA 19 — É destaque a notícia de que, do dia 9 a esta data, apenas 10 dias, o trânsito em Santa Catarina matou 43 pessoas.

— DIA 20 — No Teatro Carlos Gomes houve a apresentação da peça teatral "Em Nome do Filho", estrelada por Reginaldo Farias, Marcelo Farias e Regiane Antolini.

— DIA 22 — A imprensa destaca a recente instalação, no Laboratório do Hospital Santa Catarina, de mais dois aparelhos para testes imunológicos: O Immulite e o AutoSAN-4. \*\*\* A Fundação Municipal do Meio Ambiente proibiu, nas pizzarias de Blumenau, o uso do forno a lenha, atendendo as reclamações dos que residem nas proximidades desses estabelecimentos, alegando ameaça de intoxicação pela fumaça saída das chaminés.

— DIA 24 — É destaque no JSC, ampla matéria sobre a passagem dos 136 anos de fundação (1860) do Teatro Carlos Gomes, primitivamente conhecido como Teatro "Frohsinn."

— DIA 25 — A Cia. Têxtil Karsten lançou, na abertura da FENIT/FENATEC deste ano, em São Paulo, seus novos produtos em colchas, cortinas, almofadas e toalhas de praia. O lançamento deu-se no stand Ayrton Senna, com a presença de Viviane Senna, irmã do inesquecível e saudoso piloto da Fórmula 1. \*\*\* O Ribeirão Jararaca, que ladeia a rua Frei Estanislau Schaette, amanheceu com suas águas cobertas por espessa camada de espuma, provocada, segundo os técnicos, por algum agente poluidor.

— DIA 26 — Com a presença de numeroso público, o Presidente Fernando Henrique Cardoso assinou o protocolo dos compromissos financeiros com vista ao início da duplicação da BR-101.

— DIA 27 — No Teatro Carlos Gomes aconteceu grande espetáculo-show com Juliana Luise Müller Y Los Amigos de La Luna. \*\*\* Na Fundação Cultural de Blumenau foi exibido o filme de curta-metragem "O Espectador que o Cinema Esqueceu".

— DIA 28 — O Jornal de Santa Catarina destaca, de acordo com estatísticas, que durante as chuvas copiosas dos últimos dez dias, o número de acidentes de trânsito aumentou de 30 a 40 por cento.

— DIA 29 — No Teatro Carlos Gomes foi apresentado concorrido show com Flávio Venturini e Banda. \*\*\* Na Prainha, outro excelente show aconteceu: a apresentação da Banda Gaspel Katsbarnea.

— DIA 30 — As mais importantes notícias do dia, versam sobre a forte neva-da ocorrida na região serrana, especialmente na cidade mais alta, São Joaquim, localizada a 1.400 metros de altitude sobre o nível do mar.

---

## GENEALOGIA das famílias Gehrent - Schmidt e Silva - Gorges

(Conclusão)

Em 20.09.1924, cas. L. 152, fl. 103, T 1547 — Cartório da 6ª. Circunscrição, 3ª. Zona Freguesia de Santana, Justiça do Estado da Guanabara — cc Ivone Rieger Derenusson, n. a 24.05.1898, Estado de São Paulo, + a 26.06.1969, em B.H., c/ 71 a. — n/p Leonardo Augusto Martins Teixeira, n. 20.11.1868, natural de Candedo, Murça/Portugal e Virgínea Rosa Martins Teixeira, n. a 06.01.1875 e + a 10.04.1909, c/31 a. — n/m Paulo Emílio Derenusson, n. a 16.07.1852, Paris/França e + em 1944, c/92 a., no Rio de Janeiro e Ana Elisa Rieger, n. em 1869, em Berlim, Alemanha, e + em 1923, c/54 a., filha de Luiz Rieger e Ana Rieger. É também um evadido da Alemanha, no começo de 1870, com a mulher e duas filhas, devido a Guerra da Unificação da Alemanha realizada pelo General Indenburgo, na batalha de Sedã.



No Brasil estabeleceu-se na fazenda Morro Agudo, região de Ribeirão Preto, S.P., onde teve mais 4 filhos, b/p — Alípio Teixeira, nat. de Candedo, Murça/Portugal e Bárbara Fontes e Melo, + a 26.12.1916; b/m — André Derenusson e Pauline Coulon. Pedro Ernesto e Neuza, tiveram 7 filhos.

T1-233 — Guilherme Teixeira da Silva, n. a 17.10.1957, Belo Horizonte/M.G.

T2-234 — Eugênio Teixeira da Silva, n. a 17.08.1959, B.H., a 14.12.1980, c/21 anos entregava sua alma à Deus, recebendo a bênção em seu último suspiro.

T3-235 — Myriam Teixeira da Silva, n. 29.01.1961, B.H. — Cas. em Belo Horizonte em 17.06.1981 — cc Marco Antônio de Brito, n. 17.06.1960. Teve 3 filhos.

Q1-28 — Marco Antônio de Brito Jr., n. a 15.08.1983, Salvador/BA.

Q2-29 — Eugênio Lúcio de Brito, n. a 30.10.1984, Belo Horizonte/MG.

Q3-30 — Paulo Roberto de Brito, n. a 10.12.1986, Belo Horizonte/MG.

T4-236 — Maria Elisabete Teixeira da Silva, n. a 19.02.1962, Belo Horizonte. Em 07.07.1984, cas. B.H. — cc Geraldo Dias Cyrino, n. a 17.11.1960, f. Antonio Cyrino e Maria Dias. Pais de 2 filhos.

Q1-31 — Clarice Silva Cyrino, n. a 18.01.1992, B.H.

Q2-32 — Tarcísio Silva Cyrino, n. a 06.03.1994, B.H.

T5-237 — Margarida Maria Teixeira da Silva, n. 13.07.1963, B.H. Casada, adotou o nome de Margarida Maria Silva Ferreira, Belo Horizonte — cc Renê Ferreira Fº., n. 10.08.1952, f. Renê Ferreira e Vitória Ferreira. Teve 3 filhos.

Q1-33 — Renê Silva Ferreira, n. a 25.03.1984, B.H.

Q2-34 — Ivan Silva Ferreira, n. a 12.01.1985, B.H.

Q3-35 — Flávia Silva Ferreira, n. a 24.07.1993, B.H.

T6-238 — José Antonio Teixeira da Silva, n. a 30.11.1964, B.H. — cc Vânia Fraga, em 29.06.1991. Teve 3 filhos.

Q1-36 — Karina Fraga (enteada).

Q2-37 — Gabriela Fraga Teixeira, n. a 03.10.1991, B.H.

Q3-38 — Mateus Fraga Teixeira, n. a 28.12.1992, B.H.

T7-239 — André Luís Teixeira da Silva, n. a 22.06.1967, B.H.

B5-238 — Dorvalino Ernesto da Silva, n. a 15.10.1926, Angelina, + a 10.05.1988, c/62 anos — cc Benta Teixeira da Silva, n. a 16.08.1930, Canelinha/SC — c/10 filhos vivos.

T1-240 — Salete da Silva, n. 08.10.1951 — casou duas vezes c/m filhos.

T2-241 — Orlando da Silva, n. a 06.05.1956 — casado.

T3-242 — Janete da Silva, n. 16.08.1957 — casada, c/m filhos.

T4-243 — Solange da Silva, n. 03.11.1958 — casada c/m filhos.

T5-244 — Rubem da Silva, n. 09.01.1961 — casado c/m filhos.

T6-245 — Bernadete da Silva, n. 07.04.1962 — casada.

T7-246 — Márcia da Silva, n. 18.10.1965 — casada.

T8-247 — Márcio da Silva, n. 18.10.1965 — casado — gêmeo.

T9-248 — Jorge da Silva, n. 20.03.1967.

T10-249 — Sandra da Silva, n. 20.02.1969.

B6-239 — Sebastião Ernesto da Silva, n. a 21.01.1928, Nova Galícia — Tijucas/SC — sep. de Maria Rech, com quem teve 2 filhos.

T1-250 — Maria de Lourdes da Silva, n. a 26.09.1951 — Jaraguá do Sul, cc Jacó Tavares Neto — c/3 filhos.

T2-251 — Carlos César da Silva, n. 09.07.1964. Em 2ª núpcias, casa-se com Carmen Mielke, com quem teve 1 filho.

T3-252 — Gilmar Aloysio da Silva.

B7-240 — José Ernesto da Silva, n. a 10.11.1931, Nova Galícia — Tijucas/SC — cc Leonilda Bugarth, n. a 14.07.1940, São Bento do Sul/SC — f. Nicolau Bugarth e Ana Propts. Teve 3 filhas.

T1-253 — Tânia Regina da Silva, n. 15.11.1963 — sep. de Jackson Bocheneck. Teve 1 filha.

Q1-39 — Camila Regina Bocheneck, n. a 17.08.1982.

T2-254 — Clotilde Cristina da Silva, n. a 09.06.1965 — viúva de Ludwig Lorenz Natter, n. 26.12.1960. Pais de 2 filhos.

Q1-40 — Carolina Natter, n. 22.02.1987.

Q2-41 — Rafael Henrique Natter, n. 10.05.1988.

T3-255 — Sueli Catarina da Silva, n. a 25.11.1968 — cc Dirceu de Moura, n. 17.06.1960 — c/1 filho.

Q1-42 — Gustavo de Moura, n. 23.12.1988.

B8-241 — Agostinho Ernesto da Silva, n. a 04.06.1934, Nova Galícia, Tijucas/SC — sep. de Margarete Luise Joana Schumann, n. 01.04.1939, com quem teve 4 filhos.

T1-256 — Elizabete da Silva, n. 27.02.1960 — cc Gilberto Mareschi.

T2-257 — Paulo César da Silva, n. 28.06.1961.

T3-258 — Beatriz da Silva, n. 19.11.1962 — divorciada, c/1 filha.

Q1-43 — Renata da Silva.

T4-259 — Maurício Marcos da Silva, n. 11.11.1969. Em 2<sup>as</sup>. núpcias — cc Zilah Medeiros, c/1 filha.

T5-260 — Zilene da Silva, n. 24.02.1978.

B9-242 — João Ernesto da Silva, n. 01.10.1935, em Nova Galícia — Tijucas — cc Maria Emir Pereira, n. 14.09.1937. Pais de 4 filhos.

T1-261 — Neli Maria da Silva, n. 29.08.1960 — cc Valério Pitz, f. Aloes Pitz e Bernardina Schmidt. Pais de 2 filhos.

Q1-44 — Heloisa Pitz e...

T2-262 — João Ernesto da Silva Jr., n. 22.11.1962, Blumenau — cc Maria da Glória Pitz (irmã de Valério), f. Aloes Pitz e Bernardina Schmidt. Pais de 1 filho.

Q1-45 — Mateus da Silva.

T3-263 — Rosangela da Silva, n. 23.03.1965.

T4-264 — Viviane Clotilde da Silva, n. 03.06.1971.

B10-243 — Elvira da Silva, n. 14.05.1937, Nova Galícia, Tijucas — cc Gerhard (Geraldo) Kleinschmidt, n. a 25.01.1941 — Blumenau. Pais de 3 filhos.

T1-265 — Hermes Kleinschmidt, n. a 08.07.1964. Em 22.12.1990 — cc Sandra.

T2-266 — Rubens Kleinschmidt, n. 29.08.1968.

T3-267 — André Kleinschmidt, n. a 04.04.1983, + 18.03.1991 — Blumenau, c/7 anos. Em 31.10.1896, cas. SAI, L 6, fl. 21, T. 50.

Pedro João Gerent, n. 21.08.1854, Spa — viúvo de Ana Schmidt, em 2<sup>a</sup>. núpcias — cc Maria Longen, n. 1859, Spa — f. Pedro Longen e Ana Maria Waltrich, n. 09.09.1843, f. Ana Maria Waltrich, n. 1821 — n/p Sebastião Waltrich, n. em 1796 e Ana Maria Wilhelms (Guilherme), n. 1787. Pais de 3 filhos.

N10-85 — Synphoriano Gerent, n. 1897 — f. Pedro João Gerent e Maria Longen — cc Maria Dorvalina Koerich, n. a 22.10.1904, f. José Francisco Koerich, n. a 06.04.1881 e Apolônia Prim, n. 25.07.1887 — n/p Pedro Estefano Koerich e Margarida Schmitt (prima irmã de Ana Schmidt), filha de João Adão Schmitt e Ana Maria Bins.

FIM



## FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU

Instituída pela Lei Municipal nº. 1.835, de 7 de abril de 1972.  
Alterada pela Lei Complementar nº. 108, de 22 de dezembro de 1995.  
Declarada de Utilidade Pública Municipal pela Lei nº. 2.028, de 04/09/74.  
Declarada de Utilidade Pública Estadual pela Lei nº. 6.643, de 03/10/85.  
Registrada no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas de Natureza Cultural  
Registrada no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas de Natureza  
Cultural do Ministério da Cultura, sob o nº. 42.002219/87-50,  
instituído pela Lei nº. 7.505, de 02/07/86.

89010-001 B L U M E N A U

Santa Catarina

### INSTITUIÇÃO DE FINS EXCLUSIVAMENTE CULTURAIS

#### SÃO OBJETIVOS DA FUNDAÇÃO :

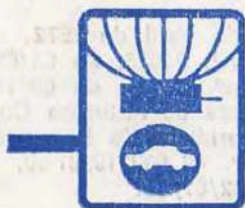
- Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;
- Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;
- Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;
- Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;
- Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;
- Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;
- A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

#### A FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU, MANTÉM :

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"  
Arquivo Histórico "Prof. José Ferreira da Silva"  
Museu da Família Colonial  
Horto Florestal "Edith Gaertner"  
Edita a revista "**Blumenau em Cadernos**"  
Tipografia e Encadernação.

#### DIRETORIA :

Presidente : Altair Carlos Pimpão  
Diretor Administrativo-Financeiro : Valter T. Ostermann  
Diretor de Cultura : Lygia Helena Roussenq Neves  
Diretor Depto. Histórico Museológico: Sueli M. V. Petry



Consórcio  
**Breitkopf**

**A CERTEZA DE FAZER O  
MELHOR INVESTIMENTO**

**DISQUE CONSÓRCIO — 26-2000**

**Rua São Paulo, 2001 — BLUMENAU - SC**

**HERING**

**TÊXTIL**

Nas tramas do mais puro algodão, uma marca de qualidade.

Para todo mundo. Em todos os tempos.